

Título original:  
*Thyestes, Troades, Agamemnon, Oedipus, Phoenissae*

© desta tradução: Ricardo Duarte e Edições 70

Introdução e Tradução:  
Ricardo Duarte

Revisão: João Moita

Capa: Papertalk

Depósito Legal n.º

**Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação**

SÉNECA, ca 4 a.C.-65

Tragédias: tiestes, troianas, agamémnon, édipo, fenícias. – (Extra coleção)  
ISBN 978-972-44-2503-0

CDU 821.124-2°00°

Paginação:  
MJA

Impressão e acabamento:  
???????  
para  
EDIÇÕES 70  
Outubro de 2021

Todos os direitos reservados

EDIÇÕES 70, uma chancela de Edições Almedina, S.A.  
LEAP CENTER – Espaço Amoreiras  
Rua D. João V, n.º 24, 1.03 – 1250-091 Lisboa – Portugal  
e-mail: editoras@grupoalmedina.net

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida,  
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,  
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.  
Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será passível  
de procedimento judicial



# SÉNECA

## TRAGÉDIAS

VOLUME 1

TIESTES  
TROIANAS  
AGAMÉMNON  
ÉDIPO  
FENÍCIAS

—  
TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS DE  
RICARDO DUARTE

70



# SÊNeca

## TRAGÉDIAS

## Introdução

### A vida de Sêneca

Lúcio Aneu Sêneca, filho de Sêneca, o *Antigo*, e de Hélvia, nasceu entre os anos 4 a. C. e 1 d. C., em *Corduba* (actual Córdova), cidade da província da Bética, na Hispânia. Pertencia a uma opulenta e ilustre família. O seu pai celebrizou-se por ter composto, a pedido dos filhos, a quem acabaria também por dedicá-la, uma obra em que reunia e comentava as mais famosas *controuersiae* (controvérsias/litígios) e *suasoriae* (suasórias/deliberações), exercícios-base na formação dos oradores romanos, motivo por que havia de ficar conhecido, também, por Sêneca, o *Retor*.

Sêneca tinha dois irmãos: Aneu Novato, o mais velho, que viria a ser adoptado pelo orador Júnio Galião e a ser tratado precisamente por esse nome, e Aneu Mela, o mais novo, procurador imperial e pai do poeta Lucano.

Foi em Roma que, mercê do desvelo da família, Sêneca recebeu uma esmerada educação, orientada sobretudo para a filosofia e para a retórica, escolhas que consubstanciam uma inclinação que terá sentido desde muito cedo. Determinantes para que perseverasse nessa senda foram os mestres Sócion, Átalo e Papírio Fabiano, todos discípulos de Quinto Sêxtio, filósofo que, na época de Augusto, fundara um movimento filosófico afim com o estoicismo e com o neopitagorismo, radicado num estilo de vida frugal e que privilegiava a ascese e o quotidiano exame de consciência.

Prova da profunda adesão de Sêneca a esse estilo de vida é o facto de, mesmo rodeado de sumptuosidades, ter continuado a impor-se restrições alimentares — como a recusa de cogumelos e ostras, muito apreciadas pelos romanos mais ricos —, uma cama dura, banhos frios e o exercício diário de auto-avaliação, para o que muito terá influído, igualmente, a saúde débil que sempre o afligiu e que por vezes o levou inclusive a ponderar o suicídio, tendo apenas rejeitado essa hipótese para não causar sofrimento ao pai, como refere na *Epístola* 78.1–6.

A par da brilhante carreira que vai desenvolvendo enquanto advogado e orador, e que passa pela natural ascensão no *cursus honorum*, a carreira das magistraturas, que havia de lhe granjear não pouco renome, Sêneca afirma-se, com o tempo, como a mais proeminente e emblemática figura do estoicismo imperial, quer pelo empenho e dedicação com que se entregou à filosofia, quer pelas muitas obras que escreveu, sem as quais nos veríamos privados de um precioso contributo para a compreensão da doutrina estóica.

Aos 25 anos, com a saúde debilitada, em parte devido à austera dedicação aos estudos filosóficos, Sêneca parte para o Egipto, onde desfruta da companhia da tia materna, casada com o então prefeito dessa província, Gaio Galério, e recolhe dados para a composição de uma obra que se perdeu, intitulada *Da Região e dos Ritos Sagrados Egípcios*. Depois de convalescer, regressa a Roma, em 31, juntamente com os tios. A viagem foi difícil e perigosa. Galério morreu poucos dias antes de o navio em que viajavam quase não ter escapado a um naufrágio. Sêneca descreve como, no meio da tempestade, a tia lutou com todas as forças para preservar das ondas o cadáver do marido. Aludindo a Alceste, casada com Admeto, rei de Feras, imortalizada na poesia por se ter oferecido como substituta do cônjuge na morte, Sêneca afirma que muito mais grandioso é o exemplo da sua própria tia, que, arriscando a vida, quis assegurar as devidas honras fúnebres ao marido (*Consolação a Hélvia* 19.4–7).

Sêneca chega a Roma decidido a retomar, quanto antes, o percurso das várias magistraturas do *cursus honorum*. Assim, foi questor em 33 ou 34, o que lhe abriu o caminho para o Senado; depois, como era da praxe, terá sido edil ou tribuno da plebe. Detentor de uma eloquência brilhante, torna-se cada vez mais

notado, para o que contribui de igual modo a publicação das primeiras obras, entre as quais se encontram três estudos que não chegaram até nós sobre as pedras, os peixes e os terremotos; e a *Consolação a Márcia*, dirigida à filha do historiador Cremúcio Cordo, que, inconsolável com a perda de um filho, se abandonara a um luto desabalado, e a quem Sêneca, enquanto estóico, se sente na necessidade de acudir, já que morrer é o destino dos homens e nenhum pranto traz de volta os mortos.

De acordo com o historiador Dión Cássio, no ano 39, Calígula terá ponderado mandar matar Sêneca por este ter discursado com assombrosa facúndia diante dele no Senado, mas desistiu desse maligno intento quando uma das suas amantes o persuadiu de que o orador não tardaria a sucumbir a uma doença, dada a evidente debilidade da sua saúde. É provável que Sêneca se tenha sentido obrigado a abandonar a advocacia em consequência dessa hostilidade de Calígula, que, julgando-se o maior orador de Roma, via no filósofo um rival.

Em 41, com a chegada de Cláudio ao poder na sequência do assassinio de Calígula, Sêneca, já senhor de uma fama e riqueza bastante consideráveis, foi exilado na Córsega, vinte dias depois de ter perdido um filho (fruto de um casamento de que muito pouco se sabe). A acusação oficial para a *relegatio* foi a de adultério com Júlia Livila, irmã de Calígula e sobrinha de Cláudio. Todavia, tudo não terá passado de um estratagema para a jovem mulher de Cláudio, Valéria Messalina, se ver livre de Livila, que considerava uma potencial adversária (que se poderia valer da relação próxima com o tio para o tentar conquistar, afastá-la a ela, Messalina, e substituí-la no lugar de imperatriz).

No exílio, pesaroso, o filósofo reúne conhecimentos para uma das obras que havia de compor nos últimos anos da sua vida, as *Questões Naturais*, e escreve duas *Consolações*, em que afirma a sua inocência, uma dirigida à mãe, na qual defende que, sendo a pátria do sábio estóico o mundo inteiro, não há qualquer fundamento para se sofrer com o exílio; e a outra, no ano 43, a Políbio, um muito influente liberto de Cláudio, por muitos considerada uma súplica de perdão e de regresso a Roma, tanto mais aviltante quanto não surtiu o efeito pretendido, tendo Sêneca permanecido exilado por oito anos.

Em 49, Sêneca regressa finalmente a Roma. Messalina fora assassinada e Agripina Menor chegara por fim ao poder, depois de ter casado com Cláudio, seu tio. A nova imperatriz faz designar Sêneca pretor e escolhe-o para preceptor de Nero, juntamente com Afrânio Burro, prefeito da guarda pretoriana e encarregado da educação prática daquele que seria o futuro imperador, que à época contava doze anos. Parece datar desse ano o diálogo *Da Brevidade da Vida*, também ele de teor estóico e centrado na busca da virtude e na preparação para a morte (*meditatio mortis*) mediante uma justa percepção e fruição do tempo. Terá sido também nessa altura que Sêneca casou com Pompeia Paulina, muito mais nova do que ele.

O período de educação de Nero durou cerca de cinco anos. Em 54, Cláudio é assassinado, ao que tudo indica por acção de Agripina, e Nero ascende ao poder. Sêneca divulga, nesse ano, o panfleto político *A Metamorfose em Abóbora do Divino Cláudio*, uma violenta sátira àquele que o mantivera tanto tempo relegado. Em finais de 55, um ano após a chegada de Nero ao poder, Sêneca dedica-lhe o *Da Clemência*, recomendando um exercício moderado do poder e veiculando a esperança de guiar o jovem *princeps* na senda da virtude.

Em 56, Sêneca atinge o topo do *cursus honorum*, o consulado, e torna-se um dos mais prósperos senhores de Roma, com uma fortuna avaliada em 300 milhões de sestércios.

Entretanto, enquanto *amici principis*, conselheiros do imperador, Sêneca e Burro zelaram por que em Roma se vivessem tempos de relativa paz e estabilidade. E assim aconteceu pelo menos nos primeiros cinco anos do principado, conhecidos por *quinquennium Neronis*. Sêneca exercia então uma influência benéfica sobre Nero, escrevendo-lhe os textos de muitos discursos e comunicados oficiais. De resto, era voz corrente entre os Romanos que tudo o que de bom sobressaía na governação do *princeps* se devia ao filósofo. Contudo, aos poucos Sêneca foi sendo forçado a adoptar atitudes de complacência. À pergunta porque o fazia, é, pelo próprio, dada resposta no *Da Tranquilidade da Alma*: mesmo quando é um tirano que governa, o sábio tem o dever de não desertar do campo de batalha, visto que poderá colher os frutos do seu exemplo e da sua acção.

Mas o imperador mostrava estar muito longe do ideal do sábio estóico. A ignomínia e monstruosidade do seu carácter revelam-se passo a passo. Sedento de liberdade de movimentos, quantas vezes para refocilar na depravação e na crueldade, decide que todos são dispensáveis, Agripina, Sêneca, Burro.

É assim que, em 59, Nero ordena o inconcebível, a morte da própria mãe. Sêneca redige, em nome do imperador, uma carta para o Senado, segundo a qual, de acordo com a versão oficial, Agripina teria atentado contra a vida do filho e, malogrados os seus intentos, teria acabado por se suicidar.

Sêneca foi duramente criticado pela fraca oposição à tirania de Nero e pela acumulação de bens, incompatíveis com os preceitos estóicos (desta última acusação, em particular, já se defendera no *Da Vida Feliz*, alegando que a riqueza pode ser um bem, se dela se fizer um bom uso). Compõe, por essa altura, *Do Lazer*, por que perpassa um evidente tom de desengano: Sêneca diz agora que perante uma irreversível situação de incontável despotismo o sábio se deve retirar da sede do poder, para não correr o risco de compactuar com o déspota; nas entrelinhas, lê-se já um desejo de afastamento de Nero, que, entretanto, supondo-se o novo Apolo, frequentemente se exibia em público como citarista, actor e auriga.

Esse afastamento, porém, só acontece três anos mais tarde, em 62, aquando da morte de Burro (talvez por envenenamento) e da sucessão de Ofónio Tigelino como prefeito da guarda pretoriana. Formalmente, Nero nega a Sêneca a demissão requerida e não aceita a devolução dos bens que o filósofo acumulara ao longo dos anos. Mas, na prática, Sêneca consegue manter-se afastado da corte e de Roma. Desejando terminar os seus dias em estudo e meditação, produz por essa altura um muito significativo número de obras: as *Questões Naturais*, o *Dos Benefícios*, o *Da Providência*, todas ou parte das suas tragédias, as *Epístolas Morais a Lucílio*, manancial da doutrina estóica, e algumas obras que se perderam ou de que restam meros fragmentos, como os *Livros Morais de Filosofia*, as *Exortações*, o *Dos Ofícios*, o *Do Matrimónio*, o *Da Amizade* ou o *Da Superstição*.

Em 64, dá-se o célebre incêndio de Roma: a fim de reconstruir a *Vrbs*, devastada pelo fogo, e a que passaria a chamar-se *Neropolis*, e de concretizar os seus planos megalómanos (nomeadamente a

construção da *Domus Aurea*, o Palácio Dourado), Nero acusou de *maiestas* (crime de lesa-majestade) abastados cidadãos, apropriou-se dos seus bens e saqueou os templos. Séneca põe novamente os seus bens à disposição de Nero, que dessa vez os aceita, e pede, com insistência, autorização para abandonar a cidade. À reiterada recusa de Nero, responde com um ostensivo recolhimento. A partir de então, é provável que Nero tenha passado a ver em Séneca um opositor e que, nesse mesmo ano, o tenha tentado envenenar.

Em Abril do ano 65, Séneca, então numa das suas propriedades a sul de Roma, foi arrolado na conjura de Calpúrnio Pisão, que visava destituir Nero do poder. Séneca não terá participado activamente nessa conjura, embora provavelmente estivesse a par dela. O seu sobrinho Lucano estava entre os conjurados (e o seu desfecho ficou marcado pelo opróbrio, tendo acusado a própria mãe, ao tentar inocentar-se). Segundo Tácito, parte dos conjurados pretendia que, morto Nero, fosse o próprio Séneca a ascender ao poder, e não Pisão.

O malogro da conjura levou imediatamente à condenação de Lucano e de Séneca (e, pouco depois, os seus dois irmãos foram também condenados). Sem qualquer julgamento, Séneca foi obrigado a cometer suicídio. De acordo com Tácito, a morte de Séneca foi a que mais agradou a Nero. Séneca cortou os pulsos na presença dos seus amigos e da devotada mulher com uma serenidade e uma dignidade em tudo concordantes com a perspectiva estóica da vida como preparação para a morte. Devido à narrativa de Tácito (*Anais* 15.62–64), a morte de Séneca ficou para a posteridade como um exemplo igual ao de Sócrates e ao de Catão de Útica.

Em suma, a vida de Séneca, plena de acontecimentos dramáticos, foi também preenchida pela meditação, pelo estudo e pela escrita. Embora se tenham perdido todos os discursos com que, nos inícios da sua vida pública, conquistou a admiração e o respeito gerais, e embora se tenha perdido, igualmente, um substancial número de obras reveladoras da sua vasta curiosidade intelectual (além das já referidas, assinalem-se, ainda, *Da Região da Índia*, *Da Forma do Mundo*, *Da Morte Extemporânea*, *Dos Remédios das Coisas Fortuitas*), Séneca tornou-se um dos mais célebres moralistas da literatura ocidental, graças às muitas obras filosóficas que, felizmente, chegaram até nós

(*Diálogos*, *Da Clemência*, *Dos Benefícios*, *Questões Naturais*, *Epístolas Morais a Lucílio*).

Não menos célebres são as suas dez tragédias (*Tiestes*, *Troianas*, *Agamémnon*, *Édipo*, *Fenícias*, *Medeia*, *Fedra*, *Hércules Enlouquecido*, *Hércules no Eta* e *Octávia*)<sup>(1)</sup>, as únicas que, de todo o teatro romano, se conservaram na íntegra e que chegaram a gozar de mais popularidade do que as gregas. Espuriamente, são ainda atribuídos 77 epigramas a Séneca e a troca de cartas com São Paulo (oito supostamente do filósofo, seis do apóstolo), falsificação da segunda metade do século IV, decorrente dos muitos pontos de contacto entre estoicismo e cristianismo, sobretudo no campo da ética.

Ora, matricial na ética estóica é a noção de paixão, de mais a mais, elemento de coesão entre Séneca filósofo e Séneca tragediógrafo (duas aptidões que, pelo menos desde finais do século IV, e durante muito tempo, foram julgadas inconciliáveis, ao ponto de se postular que o filósofo e o tragediógrafo eram duas pessoas distintas).

Paixão, do latim *passio*, remete para o verbo *patior*, que significa «sofrer», «suportar», «ser passivo». A paixão é, pois, algo que se sofre, que se suporta passivamente, um *affectus*.

Decorrentes de um falso juízo, de uma falsa apreciação relativa a realidades ou circunstâncias exteriores, que não dominamos, as paixões perturbam a alma, suscitando nela movimentos contrários à sua essência, a razão, e fazendo dela o campo de batalha onde se digladiam essas forças antagónicas. São, pois, doenças intelectuais, que se manifestam por um conjunto de sintomas, do que procede

---

(<sup>1</sup>) Incluímos neste elenco as duas peças cuja autoria e datação têm gerado controvérsia: *Hércules no Eta* e *Octávia*. No caso da primeira, uma peça com cerca de 2000 versos, os estudiosos tendem actualmente, e quase por unanimidade, para a hipótese de que não terá sido composta por Séneca e propõem uma datação em torno de finais do século I ou inícios do século II. Quanto à *Octávia*, parece haver um consenso a respeito da posição de que Séneca não é o seu autor e que antes terá sido escrita, como homenagem, por um seguidor ou admirador do filósofo, não só porque a personagem Agripina vaticina a morte de Nero (nos vv. 629–631), que ocorreu no ano 68 e, como tal, é posterior à morte de Séneca, mas também porque o próprio Séneca é uma personagem dessa tragédia, o que constituiria algo verdadeiramente insólito na tradição teatral antiga.

a imagem do estóico enquanto médico que lança mão de diversos remédios para as combater e erradicar.

Assim, não deverá causar admiração que seja uma aguda densidade de análise psicológica um dos traços mais característicos e originais do teatro filosófico de Séneca, teatro de uma impressionante feição egotista e introspectiva, repassado de paixões como a rivalidade, a sede de vingança, a ganância, o ódio e a ira (que levam Atreu, na tragédia *Tiestes*, a preparar ao irmão um atroz banquete), o amor mórbido, a inveja e o ciúme (de que padecem figuras como Medeia e Fedra, nas peças homónimas, e Clitemnestra, no *Agamémnon*), ou a hesitação, a ansiedade e o medo, que atormentam Édipo.

O grau de nocividade de paixões como o ódio e a ira é medido pela loucura que instigam e pelos efeitos quase sempre letais que provocam; já o do medo mede-se pelo tolher de movimentos, pelo seu resultado paralisante, obstáculo a uma fruição plena da vida. Especialmente nocivo é o medo da morte, que distrai a alma, corrói a contemplação pura e impede o homem de ser sábio e de alcançar o bem supremo, a vida feliz — idealizada nas metas estóicas da apatia e da ataraxia —, uma vida em que, em relação a tudo, alegria ou contrariedade, o sábio é como o promontório que permanece imóvel, imperturbável, apesar do constante fustigar das ondas, para usarmos uma imagem de Marco Aurélio (4.49).

Porém, o *sapiens* é como a Fénix, surge um de quinhentos em quinhentos anos. E, já no fim da vida, o próprio Séneca admite estar ainda longe do ideal do sábio, definindo-se como um homem em busca contínua e persistente da verdade (*Epístola* 45). Não lhe faltou, ainda assim, a coragem e a virtude no momento de acolher a morte. Em verdade, não há, para um estóico, prova maior de liberdade do que poder aceitar com paz de espírito e nobreza, ou escolher, se a tal for forçado pelas circunstâncias, a hora da morte. Moldadas por este preceito são a morte de Políxena (nas *Troianas*) e os suicídios de Astíanax (também nas *Troianas*) e de Hércules (no *Hércules no Eta*).

## As tragédias de Séneca

As peças de Séneca, escritas em meados do século I, situam-se no termo da cronologia da poesia trágica na Antiguidade Clássica, iniciada cerca de cinco séculos antes com os três grandes tragediógrafos gregos (Ésquilo, Sófocles e Eurípides). Apesar de profícua, essa cronologia está muito mal documentada, porquanto é rarefeito, difuso e indirecto o conhecimento do período que decorre entre os dois marcos e que abarca quer a tragédia grega do período helenístico, quer a produção romana das épocas republicana e imperial. Assim, é difícil, se não mesmo impossível, rastrear a sequência e as causas das mutações que o género foi sofrendo até ser reinventado pelo engenho de Séneca. E é realmente de uma reinvenção que falamos, já que as tragédias de Séneca são, como há muito vem sendo notado, diferentes. Contudo, essa diferença nem sempre foi perceptível (ou, de resto, bem reputada).

Apesar de se acreditar que tenham exercido grande influência muito para lá da época em que foram escritas, as tragédias de Séneca praticamente desapareceram durante a Idade Média. Mas a composição, no fim do século XI, de um manuscrito com nove peças atribuídas a Séneca (o *Codex Etruscus*) e, sobretudo, as muitas cópias que dele se fizeram nos séculos XIII e XIV, possibilitaram um ponto de referência notável na história da literatura universal: o renascimento do género trágico. Simulando, embora, interesse pelos tragediógrafos gregos, renascentistas e barrocos tomaram claramente Séneca como paradigma para os seus próprios textos, como testemunham as obras de Corneille, Racine, Shakespeare, entre outros.

Porém, a revalorização, a partir de finais do século XVIII, das tragédias gregas representou um ponto de viragem na sorte das tragédias de Séneca, que viram obnubilado o seu fulgor. Indevida e imerecidamente, as peças senequianas foram consideradas tentativas não muito felizes, e não muito bem conseguidas, de recriação das tragédias gregas, seus pretensos modelos directos, e, conseqüentemente, relegadas para segundo plano, enquanto degenerescência literária. Os trágicos gregos passaram a gozar de clara preferência,

como resulta evidente da avaliação que deles fizeram os autores românticos.

Estava, pois, assinalada a diferença das tragédias de Séneca. Mas foi preciso aguardar pelos inícios do século xx para que essa diferença fosse justamente calibrada e ponderada: o teatro de Séneca é, efectivamente, diferente, mas isso não faz dele nem inferior, nem superior ao teatro grego; ele é apenas diferente. À luz dessa justificada apreciação, as tragédias de Séneca têm recebido, desde aí, uma atenção em proporções inauditas. Indispensáveis a uma verdadeira massificação do interesse pelo teatro de Séneca, patente sobretudo nas últimas décadas, foram a multiplicação de ensaios e estudos, a tradução das peças, no conjunto do *corpus* ou avulsamente, para variadíssimas línguas estrangeiras, bem como as edições e comentários a peças individuais, e, não menos importante, a encenação de muitas delas, em palcos espalhados um pouco por todo o mundo.

Mas vejamos brevemente quais as principais singularidades das peças de Séneca. É importante começar por notar que alguns dos atributos que as distinguem das tragédias gregas devem ser considerados no contexto dos elementos que parecem caracterizar o teatro romano arcaico: a insistência no tema do poder, o exacerbar violento e inflamado das paixões, o gosto do tétrico, as cores vivas e carregadas, os efeitos hediondos e terríveis (nos quais o grande teatro elisabetano se havia de inspirar), a importância dos papéis femininos (evidente em Pacúvio), a dimensão titânica dos protagonistas (digna de nota em Ácio), e também a tendência para o uso de *sententiae*, «sentenças» (fórmulas lapidares que encerram um pensamento de valor moral).

Apesar de recorrer a mitos gregos, o que tematicamente aproxima as suas tragédias das de Sófocles e Eurípides e faz deles os seus predecessores, Séneca imprime a esses mitos um tratamento diferente, alinhado com o objectivo, também ele diferente, que o guia enquanto dramaturgo. Na linha de uma tendência que havia despontado com o teatro helenístico, e que traduziu a evolução da filosofia no sentido de uma pregação da sabedoria, de forma a torná-la mais acessível, o teatro de Séneca insinua-se como exercício de predicação estóica, uma dissertação sobre moral, numa época

em que tão necessária a sentiria o filósofo ante a série de crimes e atrocidades que figuras como Calígula, Cláudio, Messalina, Agripina, Nero, entre tantas outras, protagonizavam.

Enquanto homem do seu tempo e dado o gosto do público romano pelo teatro, Séneca ter-se-á sentido tentado a transmitir alguns dos preceitos essenciais da ética estóica por meio de uma forma literária apelativa, capaz de conquistar e de prender, mais do que a prosa, a atenção de uma audiência alheia às discussões filosóficas (como se pode ler na *Epístola* 108.10–12).

É à luz desse princípio que podemos analisar as tragédias de Séneca e o seu contributo, de cariz pedagógico, na divulgação da filosofia estóica, visto que a maioria das personagens de Séneca enferma dessas doenças intelectuais que são as paixões, que as fustigam com variados sintomas e não raras vezes se revelam fatais, seja para as próprias personagens, seja para aqueles que as rodeiam (pense-se nos filhos de Medeia ou nos filhos e mulher de Hércules, no *Hércules Enlouquecido* vítimas inocentes de um terrível e cego delírio).

Daí que as figuras de Séneca trágico sejam vistas como *exempla*, em pé de igualdade com os muitos *exempla* disseminados pela sua prosa. Seria essa uma forma de chegar aos não iniciados, mostrando-lhes quão nefastos são os efeitos da submissão aos falsos juízos, que comprometem a razão e a moral. É de sublinhar que os autores gregos e romanos evocavam regularmente figuras históricas e mitológicas para elucidar e robustecer os seus argumentos e mensagens, e havia, inclusive, compilações de *exempla*, como a recolha de Valério Máximo, intitulada *Factos e Ditos Memoráveis*. Os estóicos romanos, em particular, viam os *exempla* como inestimáveis no combate contra as falhas morais, porquanto, como diz Séneca (*Epístola* 6.5), o caminho filosófico é longo através de preceitos/conselhos, mas curto e eficaz através de *exempla*.

É nesse sentido que se reconhece nas tragédias de Séneca uma concepção moralizante, didáctico-pedagógica, alcançada por meio da exibição de *exempla* negativos de caracteres (exemplos apotropaicos), e, em alguns casos, mais raros, também de *exempla* positivos (exemplos protrépticos/parenéticos).

Ora, o predomínio de *exempla* negativos sustenta a poética não-aristotélica das tragédias de Séneca. Se para Aristóteles o herói passa

da prosperidade à desgraça, não por causa do seu carácter, de uma eventual perversidade ou maldade que nele germinem, mas devido a um erro de apreciação, o erro trágico (*Poética*, cap. 13, 1453a, 15); em Séneca, pelo contrário, a catástrofe decorre dos vícios das personagens, que podem ser responsabilizadas pelos seus actos, pelos seus crimes — e são-no, de facto —, ilustrando o nivelamento por um plano meramente humano (os deuses estão esquecidos no Olimpo e não interferem na vida dos mortais) e, até, uma diluição do sentido último do trágico, pois se o homem cai em desgraça, é porque o merece.

Ademais, se Aristóteles teorizava a purificação das paixões pela identificação do espectador com aquilo que era representado, em Séneca não há esse elemento catártico, dado as suas tragédias estarem construídas de maneira a impedir a assimilação, total ou parcial, do espectador/leitor aos protagonistas. Séneca visa, antes, um estímulo para um papel activo, interventivo, por parte do espectador, um repúdio pelo que é apresentado, uma reflexão crítica que mostre que a queda do herói podia ter sido evitada, podia não ter ocorrido. E esse objectivo é, de verdade, plenamente alcançado ao assistirmos à voragem das múltiplas paixões que arrastam Medeia, Atreu, Fedra, Clitemnestra, Édipo ou Jocasta para uma loucura de funestos resultados.

Quase todas as tragédias de Séneca expõem casos marcantes das calamitosas consequências de perversas paixões que a razão não consegue domar. E Séneca parece ter escolhido, para recriar, mitos em que a morte desempenha um papel central e que mais se prestam à demonstração da evidência da alma humana como reduto do mal. Para essa demonstração concorrem outras características muito vincadas, e talvez exclusivas, das suas tragédias: a dissecação psicológica, a análise da psique das personagens, dos sinuosos caminhos das paixões na interioridade, dos mecanismos mais sombrios e tortuosos que promovem e explicam o comportamento humano em todas as suas contradições e crueldade.

Crueldade que é personificada, por exemplo, na figura dos déspotas ferinos e sanguinários (de que Atreu, na tragédia *Tiestes*, é o exemplo acabado), cujo retrato, remontando ao teatro romano arcaico, é feito por Séneca com cores mais carregadas e caliginosas,

deixando, quiçá, transparecer a experiência pessoal do autor (que, recorde-se, terá sido ameaçado de morte por Calígula, foi depois exilado por Cláudio e, por fim, acompanhou de perto as muitas perversidades de Nero). As atitudes desastrosas dos governantes tirânicos são enquadradas no contexto das paixões desenfreadas, de que o poeta/filósofo exhibe as consequências devastadoras, tantas vezes letais e descritas com um evidente gosto do sangue, do horror, do bombástico e do grotesco.

Quanto à forma, a linguagem da interioridade (via para a alma humana), os retratos nítidos das personagens e dos seus vícios e as cores pesadas dos quadros das paixões — assim como dos seus sintomas e consequências — são veiculados por um estilo declamatório, intensamente retórico, tenso, faustoso em longos monólogos e descrições, e grandiloquo em diálogos veementes e céleres. É um autêntico barroco *avant la lettre*, fruto das profundas mudanças que a retórica sofrera a partir de Augusto, passando a centrar-se mais em si mesma e explorando todas as suas qualidades, e talvez decorrente da própria tradição romana do género trágico.

Ora, esse pendor exuberantemente retórico foi um dos aspectos criticados pelos românticos e é, também, uma das razões alegadas pelos que são da opinião de que as tragédias de Séneca não foram feitas para o palco, o que nos leva ao encontro do tema da (ir)representabilidade das peças, campo que se mantém fértil em controvérsia.

Durante muito tempo, pensou-se que não era possível as peças de Séneca terem sido representadas. Eram aduzidos argumentos como a excessiva violência de algumas cenas, a necessidade de executar mortes em palco, as aparições de espectros, as falas muito longas das personagens (amiúde com extensas digressões descritivas ou narrativas), que, por outro lado, obrigavam a longos silêncios de outras personagens em cena, ou uma acção quase sempre estática e cuja dinâmica e fluidez são preteridas em favor das estruturas discursivas e de retrato psicológico.

Acresce a esses argumentos que, nos inícios da época imperial, o público teria deixado de ter pelas representações públicas de dramas o interesse de outros tempos, voltando-se sobretudo para a pantomima (representação dramática com um dançarino solista



e um coro narrativo). Há informações de que, em algumas casas particulares, se faziam recitais, e de que a leitura de textos literários passou a ser cada vez mais comum, a ponto de incluir textos teatrais. É, pois, provável que os novos textos dramáticos se destinassem a representações em teatros públicos ou privados; ou a serem lidos perante um auditório comum ou selecto; ou, enfim, à leitura individual.

Todavia, não dispomos de quaisquer dados que permitam determinar se, durante a vida de Séneca, as suas tragédias terão alguma vez chegado a ser apresentadas ao público, e de que modo, nem tão-pouco sobre qual o tipo de actualização visado pelo poeta para as suas peças: serem apresentadas em *recitationes* (leituras públicas), serem lidas individualmente, ou uma efectiva representação cénica, em recinto público e/ou privado? Embora se trate de questões em aberto, e que provavelmente assim permanecerão, nos dias que correm há muitos autores que admitem a possibilidade de as tragédias terem sido encenadas e de poderem ser encenadas. E muitas têm-no sido, de facto.

### Tradução e notas

Servimo-nos, para a tradução, da edição crítica de Otto Zwierlein, *L. Annaei Senecae Tragoediae* (Oxford, 1986).

As notas visam ora esclarecer referências mitológicas e geográficas, ora chamar a atenção para passos obscuros do texto. O elevado número de notas de algumas tragédias é reflexo da admirável densidade e riqueza do original.

Sinais críticos usados

\*\*\* Texto em falta no manuscrito

† . . . . . † Texto considerado corrupto

[ . . . . . ] Texto considerado espúrio

### As tragédias do volume I

As cinco tragédias do presente volume podem ser divididas em dois grupos temáticos: *Tiestes*, *Troianas* e *Agamémnon*, por um lado, *Édipo* e *Fenícias*, por outro.

O elemento unificador do primeiro grupo é Agamémnon, filho do cruel Atreu, rei de Micenas, que prepara para o irmão, Tiestes, um abominável banquete, em que lhe serve os corpos mutilados dos próprios filhos, como se pode ler no *Tiestes*. Quanto a Agamémnon, ele mesmo rei de Argos (ou também Micenas), é uma das grandes figuras da Guerra de Tróia, sobre cujo derradeiro dia versa a peça *Troianas*, e a que se segue o regresso a casa dos gregos vitoriosos e o assassinio pela própria mulher, Clitemnestra, do chefe dos chefes, Agamémnon, que dá o nome a uma tragédia.

Já o segundo grupo trata do destino funesto de Édipo e de Jocasta (tema do *Édipo*), e da subsequente guerra fratricida pelo trono de Tebas entre os filhos de ambos (*Fenícias*).

RICARDO DUARTE

## Bibliografia selecta

### Edições, comentários e traduções

- AHL, Frederick (1986). *Seneca. Trojan Women*, Ithaca.
- \_\_\_\_ (2008). *Two Faces of Oedipus: Sophocles' Oedipus Tyrannus and Seneca's Oedipus*, Ithaca.
- BOYLE, Anthony J. (1994). *Seneca's Troades*, Leeds.
- \_\_\_\_ (2011). *Seneca. Oedipus*, Oxford.
- BRAUND, Susanna (2016). *Seneca. Oedipus*, Londres.
- CAMPOS, José A. S. (1996). *Sêneca. Tiestes*, Lisboa.
- \_\_\_\_ (2004). *Sêneca. Cartas a Lucílio*, Lisboa.
- CAVIGLIA, Franco (1981). *L. Anneo Seneca. Le Troiane*, Roma.
- FANTHAM, Elaine (1982). *Seneca's Troades*, Princeton.
- FITCH, John G. (1987). *Seneca's Hercules Furens*, Ithaca e Londres.
- \_\_\_\_ (2002). *Seneca Tragedies: I*, Cambridge.
- \_\_\_\_ (2004). *Seneca Tragedies: II*, Cambridge.
- FRANK, Marica (1994). *Seneca's Phoenissae*, Leiden.
- KEULEN, Atze J. (1995). *L. Annaeus Seneca. Troades*, Leiden.
- LEFÈVRE, Eckard (1972). *Senecas Tragödien*, Darmstadt.
- LUQUE MORENO, Jesús (1979–1980). *Seneca. Tragedias*, 2 vols., Madrid.
- MILLER, Frank J. (1968). *Seneca's Tragedies*, Londres.
- SLAVITT, David R. (1992). *Seneca. The Tragedies*, vol. I, Baltimore e Londres.
- SLAVITT, David R. e P. Bovie (1995). *Seneca. The Tragedies*, vol. II, Baltimore e Londres.

- STOK, Fabio (2007). *Seneca. Le Troiane*, Milão.
- TARRANT, Richard J. (1976). *Seneca. Agamemnon*, Cambridge.
- \_\_\_\_ (1985). *Seneca's Thyestes*, Atlanta.
- TÖCHTERLE, K. (1994). *Lucius Annaeus Seneca Oedipus*, Heidelberg.

## Estudos

- ARMISEN-MARCHETTI, Mireille (1989). *Sapientiae Facies: étude sur les images de Sénèque*, Paris.
- BARRETT, Anthony A., E. Fantham e J. C. Yardley (orgs.) (2016). *The Emperor Nero: A Guide to the Ancient Sources*, Oxford.
- BEATO, João (2000). *Nero* (col. «Vultos da Antiguidade»), Lisboa.
- BENTON, Cindy (2002). «Split Vision: The Politics of the Gaze in Seneca's *Troades*», in *The Roman Gaze: Vision, Power, and the Body*, org. D. Frederick, Baltimore, pp. 31–56.
- BORGO, Antonella (1998). *Lessico Morale di Seneca*, Napoli.
- BOYLE, Anthony J. (1983). «*Hic Epulis Locus*: The Tragic Worlds of Seneca's *Agamemnon* and *Thyestes*», in *Seneca Tragicus: Ramus Essays on Senecan Drama*, org. A. J. Boyle, Berwick, pp. 199–228.
- CAMPOS, José A. S. (1972). «O simbolismo do fogo nas tragédias de Séneca», *Euphrosyne* 5, pp. 185–247.
- \_\_\_\_ (1973). «A Narração de Euríbatas (Séneca, *Agamemnon*, 421–578)», *Euphrosyne* 6, pp. 49–70.
- \_\_\_\_ (1983–1984). «Para uma interpretação do *Oedipus* de Séneca: o Prólogo», *Euphrosyne* 12, pp. 223–232.
- \_\_\_\_ (1987). «A linguagem dos gestos no teatro de Séneca», *Euphrosyne* 15, pp. 109–134.
- \_\_\_\_ (1999). «Séneca, Brecht e o Teatro Épico», *Classica* 23, pp. 9–26.
- DAMSCHEN, Gregor e A. Heil (orgs.) (2014). *Brill's Companion to Seneca*, Leiden e Boston.
- DAVIS, Peter J. (1991). «Fate and Human Responsibility in Seneca's *Oedipus*», *Latomus* 50, pp. 150–163.
- FANTHAM, Elaine (1983). «*Nihil iam iura naturae ualent*: Incest and Fratricide in Seneca's *Phoenissae*», in *Seneca Tragicus: Ramus Essays on Senecan Drama*, org. A. J. Boyle, Berwick, pp. 61–76.

- FERREIRA, Paulo S. M. (2011a). *Séneca em Cena. Enquadramento na Tradição Dramática Greco-Latina*, Lisboa.
- \_\_\_\_ (2011b). «O *extispicium* no *Oedipus* de Séneca e a *Guernica* de Picasso», *Mundo & Letras*, vol. II, São Paulo, pp. 75–84.
- FRANK, Marica (1995). «The rhetorical use of family terms in Seneca's *Oedipus* and *Phoenissae*», *Phoenix* 49, pp. 121–130.
- GRIFFIN, Miriam T. (1992). *Seneca. A Philosopher in Politics*, Oxford.
- HENRY, Denis e B. Walker (1963). «Seneca and the *Agamemnon*: Some Thoughts on Tragic Doom», *CPh* 58, pp. 1–10.
- \_\_\_\_ (1983). «The *Oedipus* of Seneca: An Imperial Tragedy», in *Seneca Tragicus: Ramus Essays on Senecan Drama*, org. A. J. Boyle, Berwick, pp. 128–139.
- KER, James (2009). *The Deaths of Seneca*, Oxford.
- LAURAND, Valéry (2002). *Le vocabulaire des stoïciens*, Paris.
- LITTLEWOOD, Cedric A. J. (2004). *Self-Representation and Illusion in Senecan Tragedy*, Cambridge.
- MADER, Gottfried (1982). «Paradox and Perspective: Two Examples from Seneca's Tragedies (*Thy.* 470; *Ag.* 869)», *Acta Classica* 25, pp. 71–83.
- \_\_\_\_ (1988). «*Fluctibus uariis agor*. An Aspect of Seneca's Clytemnestra Portrait», *Acta Classica* 31, pp. 51–70.
- \_\_\_\_ (1995). «*Nec sepultis mixtus et vivis tamen / exemptus*: Rationale and aesthetics of the “fitting punishment” in Seneca's *Oedipus*», *Hermes* 123, pp. 303–319.
- \_\_\_\_ (2014). «The Rhetoric of Rationality and Irrationality», in *Brill's Companion to Seneca*, org. G. Damschen e A. Heil, Leiden e Boston, pp. 575–592.
- MCAULEY, Mairead (2015). *Reproducing Rome: Motherhood in Virgil, Ovid, Seneca, and Statius*, Oxford.
- MOTTO, Anna L. e J. R. Clark (1985). «Seneca's *Agamemnon*: Tragedy without a Hero», *Athenaeum* 63, pp. 136–144.
- NUSSBAUM, Martha C. (1987). «The Stoics on the Extirpation of the Passions», *Apeiron* 20, pp. 129–177.
- \_\_\_\_ (1993). «Poetry and the Passions: Two Stoic Views», in *Passions & Perceptions. Studies in Hellenistic Philosophy of Mind. Proceedings of the Fifth Symposium Hellenisticum*, org. J. Brunschwig e M.C. Nussbaum, Cambridge, pp. 97–149.

- PÉREZ GÓMEZ, Leonor (2012). «El espectáculo de la muerte y la muerte como espectáculo en *Troades* de Séneca: la teatralización del llanto», in *Estudios sobre Teatro Romano. El mundo de los sentimientos y su expresión*, org. R. López Gregoris, Zaragoza, pp. 187–216.
- PIMENTEL, Cristina (1999). «A *meditatio mortis* nas tragédias de Séneca», *Classica* 23, pp. 27–45.
- \_\_\_\_ (2000). *Séneca* (col. «Vultos da Antiguidade»), Lisboa.
- \_\_\_\_ (2004). «Estoicismo e figuras femininas em Séneca», *Brotéria* 3.158, pp. 251–268.
- PINHEIRO, Cristina S. (2012). *Orbae matres. A Dor da Mãe pela Perda de um Filho na Literatura Latina*, Lisboa.
- POE, Joe P. (1983). «The Sinful Nature of the Protagonist of Seneca's *Oedipus*», in *Seneca Tragicus: Ramus Essays on Senecan Drama*, org. A. J. Boyle, Berwick, pp. 140–158.
- ROMM, James (2014). *Dying Every Day: Seneca at the Court of Nero*, Nova Iorque.
- SCHIESARO, Alessandro (1997). «Passion, Reason and Knowledge in Seneca's Tragedies», in *The Passions in Roman Thought and Literature*, org. S. Braund e C. Gill, Cambridge, pp. 89–111.
- \_\_\_\_ (2007). *The Passions in Play: Thyestes and the Dynamics of Senecan Drama*, Cambridge.
- STAR, Christopher (2012). *The Empire of the Self: Self-Command and Political Speech in Seneca and Petronius*, Cambridge.

## TIESTES

# ÉDIPO

TRAGÉDIE

Personnages  
Édipe, Roi de Thèbes.  
Jocaste, Reine.  
Polixène, Fils de Jocaste.  
Antigone, Fille de Jocaste.  
Créon, Frère de Polixène.  
Médée, Esclave.  
Chœur de Thébains.  
Un Esclave.

ACTE PREMIER

100  
110  
120  
130  
140  
150  
160  
170  
180  
190  
200  
210  
220  
230  
240  
250  
260  
270  
280  
290  
300  
310  
320  
330  
340  
350  
360  
370  
380  
390  
400  
410  
420  
430  
440  
450  
460  
470  
480  
490  
500

ÉDIPO

PERSONAGENS

ÉDIPO, rei de Tebas  
JOCASTA, mulher de Édipo e rainha de Tebas  
CREONTE, irmão de Jocasta  
TIRÉSIAS, um adivinho  
MANTO, filha de Tirésias  
VELHO CORÍNTIO, um pastor  
FORBAS, um pastor  
MENSAGEIRO  
CORO de Tebanos  
GUARDAS, SERVOS e PASTORES (figurantes)

CENA

Tebas, diante do palácio real

ACTO PRIMEIRO

ÉDIPO

Já, expulsa a noite, regressa o dúbio Titã<sup>(1)</sup>,  
e a manhã desponta lúgubre com uma névoa suja,  
e a chama luctífera, emanando uma triste luz,  
há-de contemplar as casas despovoadas por uma peste ávida,  
e a destruição que a noite fez, há-de dá-la a conhecer o dia. 5  
Quem se alegra com o poder real? Ó bem falaz,  
quantos males escondes sob um aspecto tão sedutor!  
Assim como os ventos sempre golpeiam os altos cumes,  
e como o penhasco que com os seus rochedos divide as vastas águas  
é açoitado pelas ondas do mar, mesmo tranquilo, 10  
assim os grandes impérios jazem aos pés da Fortuna.  
Feliz a hora em que do ceptro do meu pai, Pólibo, fugi!  
Livre de preocupações<sup>(2)</sup>, exilado, vagueando intrépido  
(o céu e os deuses são minhas testemunhas), tropecei num reino;  
temo aquilo de que não se deve falar: que o meu pai morra às  
[minhas mãos; 15

(<sup>1</sup>) O Sol. Apesar de, tecnicamente, Titã designar Hiperíon, o Titã pré-olímpico, pai do Sol (Hesíodo, *Teogonia* 371-374), o nome é não raras vezes utilizado, na poesia romana e nas tragédias de Séneca, para referir Febo Apolo, o deus-Sol.

(<sup>2</sup>) Édipo refere-se ao oráculo que vaticinava o parricídio e o incesto, a cuja realização julga ter escapado.

disso os louros délficos<sup>(3)</sup> me advertem  
e revelam-me outro crime, ainda maior.  
Há atrocidade maior do que matar o próprio pai?  
Ó desditoso amor (tenho vergonha de falar do meu destino)<sup>(4)</sup>,  
20 Febo ameaça um filho com o leito da mãe  
e com núpcias sinistras, incestuosas, realizadas à luz de um facho  
[ímpio.

Expulsou-me do reino do meu pai esse temor,  
por causa dele eu, fugitivo, abandonei os meus penates<sup>(5)</sup>:  
pouco confiando em mim mesmo, em segurança,  
25 natureza, depositei as tuas leis. Quando algo terrível te horroriza,  
mesmo que o julgues impossível, sentes medo ainda assim:  
com tudo me assusto e a mim mesmo não me confio a mim.  
Já, já alguma coisa contra mim o destino se prepara para urdir.  
Em verdade, que hei-de pensar quando essa peste inimiga do povo  
30 na devastação tão largamente espalhada,  
me poupa apenas a mim? Para que mal estou guardado?  
Entre as ruínas da cidade e os funerais  
em que com lágrimas sempre novas se chora, e o morticínio do  
[povo,

mantenho-me incólume — decerto um réu de Febo.  
35 Poderias esperar que de tão grande número de crimes  
te fosse dado um reino são? Tornei nocivo o céu.  
Nenhuma brisa suave com a sua gélida aragem acalma  
os peitos anelantes de febre, não sopra nenhum brando Zéfiro<sup>(7)</sup>,

<sup>(3)</sup> Metonímia para oráculo de Delfos: o loureiro estava consagrado a Apolo, o deus da profecia, cujo culto tinha o seu centro em Delfos, na Fócida, onde a sacerdotisa, a Pítia, transmitia as mensagens do deus.

<sup>(4)</sup> Literalmente, *fatum* («destino») significa «aquilo que foi dito»: «tenho vergonha de falar daquilo que foi dito/da história subjacente ao meu nome».

<sup>(5)</sup> Os penates eram as divindades romanas que protegiam os recessos das casas. Também podiam ser chamados *penetrales*, como no v. 265.

<sup>(6)</sup> Fundador mítico de Tebas.

<sup>(7)</sup> O Zéfiro é um vento, geralmente brando e agradável, que sopra do ocidente, oposto ao Euro.

mas as chamas do Cão Ardente<sup>(8)</sup> atíça o Titã<sup>(9)</sup>,  
do leão de Némea<sup>(10)</sup> o dorso esmagando. 40  
Afastou-se dos rios a água, e das plantas, a cor,  
e Dirce secou, débil flui o Ismeno<sup>(11)</sup>  
e banha a custo, com uma onda fraca, os despidos vaus.  
Sombria, pelo céu desliza a irmã de Febo<sup>(12)</sup>  
e o firmamento empalidece, triste, com uma nuvem insólita. 45  
Nenhum astro brilha nas noites serenas,  
mas sobre a terra cai um pesado e negro vapor:  
cobriu as moradas dos deuses e os elevados palácios  
um aspecto infernal. Nega o fruto Ceres<sup>(13)</sup> madura  
50 e, embora tremule dourada com as altas espigas,  
em colmo seco se esvai a estéril seara.  
Nenhuma parte, imune, está livre da ruína,  
mas todas as idades e sexos ruem por igual  
e os jovens aos velhos, e os pais aos filhos, liga sob o mesmo jugo  
a peste funesta; um único facho queima os tálamos<sup>(14)</sup>  
55 e de penosas lágrimas e de gemidos carecem os funerais.  
Em verdade, a persistente calamidade desse tão grande mal  
secou os olhos e, o que só costuma acontecer no limite,  
morreram as lágrimas. O pai enfermo leva este filho  
para o fogo supremo, traz este a mãe desvairada, 60  
que se apressa a voltar para trás para levar outro filho à mesma pira.

<sup>(8)</sup> A estrela-cão, Sírio (ou Canícula), a mais brilhante e maior estrela da constelação do Cão Maior. O seu despontar, em Julho/Agosto, era associado a calor e febre.

<sup>(9)</sup> Nova referência ao Sol.

<sup>(10)</sup> A constelação de Leão, o signo do Zodíaco, em que o Sol entra por volta de 23 de Julho. Essa constelação tomou o nome do leão de Némea, abatido por Hércules — primeiro dos seus doze trabalhos — e elevado aos céus.

<sup>(11)</sup> Dirce era uma fonte nos arredores de Tebas; Ismeno, o rio que corria perto da cidade. Ambos os nomes são usados, amiúde, como metonímia para Tebas.

<sup>(12)</sup> Febe, a Lua, irmã de Febo Apolo.

<sup>(13)</sup> Nome romano da deusa grega Deméter. Era a deusa maternal da terra cultivada. Designa, neste passo, o trigo.

<sup>(14)</sup> O facho nupcial de um casal transforma-se no facho fúnebre desse mesmo casal.

E até do próprio luto nasce um luto novo  
e em torno de um funeral cai o seu cortejo fúnebre.  
Então queimam nas fogueiras de outros os corpos que lhes  
[pertencem;

65 rouba-se o fogo: não têm pudor, os desditosos.  
Não cobrem os ossos escolhidos túmulos separados:  
que tenham sido queimados é suficiente — que parte deles se  
[transforma efectivamente em cinzas?  
Falta lugar para os túmulos, já piras os bosques negam.  
Nenhum voto, nenhuma arte põe de pé os que são arrebatados:  
70 caem os médicos, a doença arrasta consigo a cura.

*(Ajoelha-se diante do altar)*

Prostrado junto ao altar, estendo as mãos súplices,  
em prece por um destino prematuro, que me antecipe à ruína da  
[minha pátria

e não tombe depois de todos os outros  
e que o meu funeral não seja o último do reino.

75 Ó deuses demasiado cruéis, ó destino pesado!  
Apenas a mim me há-de ser negada, de entre este povo,  
morte tão pronta? Afasta-te deste reino contaminado  
pela tua mão letal, põe de lado as lágrimas, os funerais,  
os deletérios vícios do ar que contigo arrastas,  
80 hóspede infausto. Foge sem mais demora —  
mesmo que para junto dos teus pais.<sup>(15)</sup>

JOCASTA

Para quê, marido, os males  
sobrecarregar com gemidos? Digno de um rei julgo isto:  
as adversidades enfrentar e, por mais dúbia que seja a sua situação

<sup>(15)</sup> Pólipo, rei de Corinto, e Mérope, sua mulher, os supostos pais de Édipo e dos quais ele fugira para Tebas. Repare-se na ironia do passo, porquanto, ao mudar-se para Tebas, Édipo havia já fugido para junto dos (verdadeiros) pais. Essa ironia é, de resto, acentuada pela imediata entrada em cena de Jocasta.

e oscile o edifício de um poder que ameaça ruir,  
mais firme ficar de pé, forte, com passo decidido:  
não é homem aquele que vira as costas à Fortuna.

85

ÉDIPO

Está longe de mim essa acusação e esse opróbrio do pavor;  
e a minha excelência não conhece medos ignóbeis:  
se fosse atacado com dardos, se a força horrenda de Mavorte<sup>(16)</sup>  
sobre mim se precipitasse — contra os feros Gigantes<sup>(17)</sup>,  
audaz, eu havia de exhibir mãos prontas para o combate.  
Nem à Esfinge<sup>(18)</sup>, que entrelaçava as palavras em frases obscuras,  
[fugi:

os cruentos lábios desse vate nefando suportei  
e o solo embranquecido pelos ossos dispersos;  
quando, do seu alto rochedo, já prestes a lançar-se sobre a presa,  
ela preparava as asas e, agitando o açoite da cauda,  
ao jeito de um leão feroz, proferia ameaças,  
reclamei-lhe o enigma: soou horrível sobre mim,  
rangeram as suas mandíbulas e, impacientando-se com a demora,  
arrancou as rochas com as garras, enquanto esperava pelas minhas  
[vísceras;  
100 o nó das palavras da sorte e os dolos enlaçados  
e o funesto enigma da fera alada desatei.

<sup>(16)</sup> Nome antigo de Marte, deus da guerra.

<sup>(17)</sup> Os Gigantes eram os monstros que a Terra (Geia) concebera para vingar os Titãs, que Júpiter tinha encarcerado no Tártaro, a região mais profunda do mundo, situada sob os próprios Infernos, reservada à punição dos grandes criminosos. Durante a Gigantomaquia, os Gigantes tentaram escalar o Olimpo e derrubar os deuses, mas foram vencidos por estes.

<sup>(18)</sup> As Esfinges eram monstros lendários, associados sobretudo ao Egípto, e por norma descritos como seres alados, com cabeça de mulher, mas peito, patas e cauda de leão. A Esfinge de Tebas aterrorizava e dizimava os seus habitantes, até ao dia em que Édipo resolveu um dos seus enigmas, sempre indecifráveis, e a matou. Com efeito, só Édipo foi capaz de descobrir que o ser que começa por caminhar apoiado em quatro pés, depois em dois e, finalmente, em três é o homem, nas três fases da sua vida: infância, em que ainda gatinha; juventude e idade adulta; e velhice, em que, para caminhar, necessita do apoio de um bordão.



(A si mesmo)

Porque, tarde de mais, fazes agora, insano, votos de morte?  
Tiveste oportunidade de morrer. É-te dado este prêmio pela tua  
[glória,

105 esta recompensa pela morte da Esfinge, o ceptro.

(A todos)

Aquelas, aquelas cinzas sinistras do monstro astucioso  
revoltam-se contra nós, aquela peste que eu destruí  
arruína agora Tebas. Resta uma única salvação,  
se for de salvação a via que Febo designar.<sup>(19)</sup>

CORO

110 Pereces, de Cadmo nobre descendência,  
juntamente com toda a cidade; viúvas de lavradores  
vês as terras, miseranda Tebas.

É colhido pela morte aquele soldado, Baco<sup>(20)</sup>,  
companheiro teu até aos confins da Índia,  
115 que ousou cavalgar pelas planuras de Eos<sup>(21)</sup>  
e cravar os teus sinais aí onde o mundo começa:  
viu os árabes ricos em florestas de canela  
e as setas voltadas dos cavaleiros,

<sup>(19)</sup> Febo Apolo é aqui mencionado na sua qualidade de deus da profecia. Édipo havia já consultado o oráculo do deus, em Delfos, e para lá enviado Creonte, a fim de indagar como poderia Tebas ser libertada da peste. É esta a primeira referência, na peça, à missão de que Creonte fora incumbido.

<sup>(20)</sup> Baco/Dioniso, filho de Júpiter e Sêmele, uma mortal, filha de Cadmo e Harmonia. Depois das campanhas de Alexandre Magno para Oriente, o mito de Baco passou a incluir uma passagem pela Índia, onde teria atrelado ao seu carro panteras ou tigres e outros animais exóticos. Trata-se de um deus intimamente ligado a Tebas, onde impôs o seu culto de forma violenta.

<sup>(21)</sup> Eos, a personificação da Aurora. Referência às planuras do Oriente.

as costas temíveis dos insidiosos Partos<sup>(22)</sup>;  
aportou ao litoral do mar avermelhado<sup>(23)</sup>:  
ali, onde desponta e descerra a sua luz  
Febo e tinge com uma chama mais forte  
os desnudos Indianos.<sup>(24)</sup>

Raça de uma estirpe invencível, perecemos,  
somos derrubados por um cruel e arrebatador destino;  
um séquito sempre novo é guiado pela Morte:  
uma extensa fieira de uma multidão lúgubre apressa-se  
em direcção aos manes<sup>(25)</sup>, e o triste aglomerado atrapalha-se,  
e para a turba que reclama túmulos  
as sete portas<sup>(26)</sup> não se abrem o suficiente.

Está para durar uma pesada mortandade  
e um funeral é reprimido por outro que decorre ao lado.  
Primeiro uma força atingiu as vagarosas ovelhas sacrificiais:  
a lanígera mal pastava as ervas viçosas;  
para cortar o pescoço ocupara a sua posição o sacerdote:  
enquanto a mão, levantada, prepara o golpe certo,  
o touro de corno rutilante de ouro<sup>(27)</sup>

cai quebrantado; separou-se,  
sob o golpe de grande peso, a cerviz aberta:  
e não sangue maculou a espada,  
mas um pus repelente, segregado pela negra ferida.

<sup>(22)</sup> Os Partos eram os mais poderosos vizinhos dos Romanos a oriente, com um império que se estendia desde o Indo ao Eufrates. Eram exímios cavaleiros e arqueiros. Neste passo, faz-se referência à sua célebre tática de, fingindo a fuga, dispersarem os inimigos, que depois atingiam, disparando sobre eles, virados para trás em cima das montadas.

<sup>(23)</sup> Referência ao golfo pérsico e ao Oceano Índico, não àquele que designamos hoje por Mar Vermelho.

<sup>(24)</sup> A ideia de que Indianos, Etíopes e outros povos deviam a pigmentação mais escura da pele a uma maior proximidade do Sol é um *topos* da literatura antiga.

<sup>(25)</sup> Os manes eram as almas deificadas dos antepassados já falecidos.

<sup>(26)</sup> As sete portas de Tebas.

<sup>(27)</sup> Referência à prática ritual antiga (comum a Gregos e a Romanos) de dourar os cornos do touro sacrificial.

Mais indolente na corrida, o cavalo tombou  
a meio da pista e o seu senhor  
atirou da espádua reclinada.  
145 Fica deitado nos campos o gado abandonado;  
o touro, no meio da manada que perece, perde o vigor:  
o pastor desampara o seu diminuto rebanho,  
morrendo entre os bezeros putrefactos.  
Os cervos não temem os rapaces lobos,  
150 cessa o frémito do leão irado,  
nenhuma selvageria nos ursos cobertos de pêlos;  
perdeu a peçonha a serpente que se procura esconder:  
abrsa-se e, seco o veneno, acaba por morrer.  
Não mais a floresta, decorada com a sua folhagem,  
155 derrama sombras pelos montes escuros,  
não ficam verdes os campos com a riqueza do solo,  
a videira não mais retorce  
os seus ramos cheios de Iaco<sup>(28)</sup>:  
todas as coisas sentiram o nosso mal.  
160 A turba das irmãs<sup>(29)</sup> de facho tartáreo<sup>(30)</sup>  
rompeu do Érebo profundo os claustros<sup>(31)</sup>,  
e o Flegetonte misturou o Estige<sup>(32)</sup>,  
deslocado do seu curso, às águas sidónias<sup>(33)</sup>.

<sup>(28)</sup> Iaco é o nome de Baco nos Mistérios de Elêusis, derivado do grito ritual dos iniciados, *iakhê*. Designa, neste contexto, as uvas.

<sup>(29)</sup> Referência às Erínias, forças primitivas, pertencentes ao grupo das mais antigas divindades do panteão helénico, que personificavam a vingança. Puniam, em especial, os crimes cometidos contra familiares. São igualmente conhecidas por Euménides, ou Fúrias, em latim. Eram representadas como três génios alados, com os cabelos mesclados de serpentes e fachos ou açoites nas mãos. Os seus nomes eram Alecto, Tisífone e Megera.

<sup>(30)</sup> «Tartáreo», de Tártaro, termo poético para reino dos Infernos.

<sup>(31)</sup> Érebo era, tecnicamente, o deus da escuridão, irmão/marido ou pai da Noite; o seu nome é frequentemente usado como metonímia para mundo dos Infernos, como é aqui o caso.

<sup>(32)</sup> Flegetonte e Estige: rios dos Infernos; o Flegetonte era composto de fogo, como o próprio étimo grego indica.

<sup>(33)</sup> Ou seja, «tebanas». Cadmo, fundador mítico de Tebas, era fenício, daí o adjectivo «sidónias», de Sídón, cidade da Fenícia.

A morte negra as suas ávidas fauces  
descerra e estende plenamente as asas;  
165 e aquele que com espaçosa barca  
os túrbidos rios guarda,  
duro barqueiro de vigorosa velhice<sup>(34)</sup>,  
a custo move os braços fatigados  
pela vara incansável,  
exausto de transportar uma turba sempre nova.  
170 Dizem, ainda, que o cão<sup>(35)</sup> rompeu  
os grilhões de ferro do Ténaro<sup>(36)</sup> e pelas nossas terras perambula,  
que o solo ribombou,  
que vagueiam pelos bosques sagrados \* \* \*  
175 espectros de homens, maiores do que os homens;  
que por duas vezes tremeu a floresta de Cadmo<sup>(37)</sup>,  
sacudindo a sua neve;  
que por duas vezes Dirce foi turvada de sangue,  
que na noite silente \* \* \*  
ulularam os cães anfíonios<sup>(38)</sup>.  
180 Ó aspecto pavoroso de uma nova espécie de morte,  
mais pesada do que a morte:  
amarra os membros moles  
uma lassidão ociosa, e um rubor no rosto macilento,  
e pequenas manchas espalham-se pela pele.  
185 Então um vapor ígneo  
abrsa a cidadela do corpo<sup>(39)</sup>  
e espalha muito sangue pelas faces  
186 e os olhos ficam hirtos, ressoam os ouvidos  
187a, 188b e corre pelo nariz adunco um sangue negro,  
189

<sup>(34)</sup> Caronte, barqueiro que conduzia as almas dos mortos pelo rio Estige até às portas dos Infernos.

<sup>(35)</sup> Cérbero, o cão de três cabeças, guarda de Plutão.

<sup>(36)</sup> Promontório na Lacónia, a sul do Peloponeso, onde havia uma caverna que conduzia aos Infernos. Frequentemente usado como metonímia para Infernos.

<sup>(37)</sup> Onde Cadmo matou um dragão, cujos dentes semeou (cf. vv. 743–747).

<sup>(38)</sup> De Anfion, príncipe e rei tebano. Cf. vv. 611–612.

<sup>(39)</sup> A cabeça (metáfora que remonta a Platão).

190 que rompe as veias que se abrem;  
as vísceras profundas sacode um continuado  
192a e estridente gemido,  
187b, 188a e um fogo sagrado<sup>(40)</sup> consome os membros.  
192b, 193a Já com abraço apertado eles fatigam  
193b as pedras frias<sup>(41)</sup>;  
vós cujas casas, sepultados os seus guardas,  
195 vos consentem liberdade, procurais as fontes  
e com a própria água alimentais a sede.  
Prostrada jaz uma turba pelos altares  
e faz súplicas à morte:  
apenas isto concederam os deuses de favorável.  
Procuram os templos, não para com votos  
200 aplacar os numes,  
mas porque lhes dá alegria saciar os próprios deuses.<sup>(42)</sup>

<sup>(40)</sup> Referência à erisipela, doença infecciosa aguda, caracterizada por uma inflamação da pele.

<sup>(41)</sup> Isto é, desesperados, os infectados procuram, debalde, refrescar-se no chão.

<sup>(42)</sup> Isto é, agrada-lhes morrer.

## ACTO SEGUNDO

### CORO

Quem é aquele que com passo apressado se dirige ao palácio?  
É Creonte, ilustre pelo sangue e pelos seus feitos,  
ou é o meu espírito doente que vê coisas falsas como se fossem  
[verdadeiras?

Eis Creonte, em resposta a todos os nossos votos.

205

### ÉDIPO

*(Aparte)*

Pelo horror sou sacudido, para onde penderá o destino, temendo,  
e o meu peito trépido com uma dupla paixão vacila<sup>(43)</sup>:  
quando o bem e o mal jazem misturados na incerteza,  
então o espírito indeciso teme o conhecimento por que anseia.

*(A Creonte)*

Irmão da minha mulher, se ajuda aos homens cansados trazes,  
ensina-a com voz prestes.

210

<sup>(43)</sup> As duas «paixões» são o medo e a esperança.

CREONTE

As respostas jazem dúbias num oráculo sinuoso.

ÉDIPO

Quem uma salvação dúbia apresenta aos angustiados, nega-a.

CREONTE

Com enredada obscuridade tem o deus délfico o costume de os seus mistérios cobrir.

ÉDIPO

215 Fala, ainda que seja dúbio o que dizes:  
as coisas ambíguas só a um Édipo é dado conhecer.

CREONTE

220 Que a morte do rei seja expiada com o exílio o deus ordena  
e que o assassinio de Laio seja vingado:  
não antes há-de o dia percorrer cintilante o céu  
e dar a respiração segura de um ar puro.

ÉDIPO

E quem foi o assassino do ínclito rei?  
Revela quem Febo assinala, para que seja punido.

CREONTE

225 Seja seguro, suplico, dizer coisas horríveis de ver e ouvir;  
um torpor penetrou nos meus membros; gelado, o meu sangue  
[coagula.  
Quando no templo sagrado de Febo entrei com pé suplicante  
e, tendo implorado ao nume segundo os ritos, ergui as mãos  
[devotas,

o duplo cume do Parnaso<sup>(44)</sup> coberto de neve produziu um frémito  
[ameaçador;  
o imponente loureiro de Febo estremeceu e abalou o edifício  
e de repente a água sagrada da fonte Castália<sup>(45)</sup> parou de correr.  
Começou a profetisa de Leto<sup>(46)</sup> a soltar a cabeleira eriçada  
e, delirante, a consentir Febo; ainda não chegara ela ao abismo<sup>(47)</sup>,  
retumba, com grande estrépito, a voz sobrenatural:

230 «Afáveis astros hão-de voltar à cadmeia Tebas,  
se deixar a fonte de Dirce isménia<sup>(48)</sup> o prófugo hóspede,  
do assassinio do rei culpado, já conhecido de Febo desde criança.  
E não há-de para ti persistir por muito tempo a satisfação pela morte  
[criminosa:  
contra ti mesmo guerras hás-de travar, também aos teus filhos  
[guerras hás-de deixar<sup>(49)</sup>,  
torpemente regressado à origem materna.»

ÉDIPO

240 O que me preparo para fazer, ordenado pelo oráculo dos deuses,  
devia já ter sido concedido às cinzas do rei assassinado,  
para que ninguém o ceptro sagrado violasse pelo dolo.  
Sobretudo pelo rei deve ser defendido o bem-estar dos reis:  
ninguém pergunta pelo morto a quem, vivo, temia.

(44) Monte na Fócida, consagrado a Febo Apolo e Baco, e morada das Musas.

(45) Fonte na Beócia, consagrada a Febo Apolo e às Musas, e donde provinha a inspiração poética.

(46) A Pítia ou sacerdotisa de Delfos, possuída por Febo Apolo durante a sua exaltação profética e por meio da qual ele transmitia os seus oráculos. Leto/Latona era a mãe de Febo Apolo e Diana.

(47) O *specum* era uma abertura profunda no chão do templo, sobre a qual se colocava a trípede. A profetisa sentava-se nessa trípede e recebia, do abismo, a inspiração divina.

(48) Relativo ao Ismeno, o rio que corria perto de Tebas.

(49) Referência à futura guerra entre Etéocles e Polinices, filhos de Édipo, pelo poder real em Tebas, tema das *Fenícias*, de Eurípides e Séneca, e dos *Sete contra Tebas*, de Ésquilo.

CREONTE

Expulsou os cuidados pelo que foi assassinado um temor maior.

ÉDIPO

245 Dificultou o ofício sagrado algum medo?

CREONTE

Dificultaram-no as funestas ameaças do enigma nefando.

ÉDIPO

Que agora, segundo o que foi ordenado pelos numes, se expie o  
[crime.

Qualquer que sejas dos deuses que velas, benévolo, pelos reinos:

tu, tu que tens entre as mãos as leis do céu escarpado<sup>(50)</sup>;

250 e tu, ó máxima glória do céu sereno<sup>(51)</sup>,

que guias os duas vezes seis signos no teu curso volúvel<sup>(52)</sup>,

que os demorados séculos fazes girar com as tuas rodas velozes;

e tu, irmã que sempre corres ao encontro do teu irmão,

noctívaga Febe<sup>(53)</sup>; e tu, senhor dos ventos,

255 que os cerúleos carros conduzes pelo alto-mar<sup>(54)</sup>;

e tu que dispões da morada que carece de luz<sup>(55)</sup>,

comparecei: aquele por cuja destra Laio tombou,

não tenha esse uma casa sossegada, nem Lares fiéis<sup>(56)</sup>,

nem terra hospitaleira que o acolha no exílio:

260 que o tálamo vergonhoso deplore e a descendência ímpia;

<sup>(50)</sup> Júpiter, deus supremo do Olimpo, senhor dos céus, rei e pai dos deuses.

<sup>(51)</sup> Febo Apolo, o deus-Sol.

<sup>(52)</sup> Os doze signos do Zodíaco.

<sup>(53)</sup> Originariamente um Titã, Febe foi pelos poetas romanos identificada com a deusa-Lua, especialmente Diana, irmã de Febo Apolo. Cf. v. 569.

<sup>(54)</sup> Neptuno, irmão de Júpiter e deus dos mares e dos ventos.

<sup>(55)</sup> Plutão, ou Hades, ou Dite, deus dos Infernos.

<sup>(56)</sup> Os Lares eram as divindades tutelares da casa.

então, que com a sua destra mate o próprio pai  
e que leve a cabo (em verdade, que de mais grave se pode desejar?)  
aquilo de que eu próprio fugi. Não haverá lugar para indulgência:  
juro pelos reinos, não só pelo que agora, como forasteiro, governo,  
mas também pelo que deixei, e pelos deuses do meu larário<sup>(57)</sup>

265

e por ti, pai Neptuno, que com pequenas ondas brincas,

duplicado, de ambos os lados da minha terra<sup>(58)</sup>;

e sê também testemunha das minhas palavras

tu que fazes mover a boca fatídica da profetisa cirreia<sup>(59)</sup>:

assim como frua o meu pai de uma doce velhice

270

e o derradeiro dia alcance, seguro, no seu alto trono,

e Mérope tenha conhecido apenas o himeneu de Pólibo,

do mesmo modo transigência alguma me há-de arrebatar o culpado.

Mas onde teve lugar o nefando crime, recorda:

sucumbiu o rei em combate aberto ou por meio de insídias?

275

CREONTE

Quando às frondíferas florestas da sagrada Castália se dirigia<sup>(60)</sup>,

palmeou uma vereda coberta de densos silvados,

no lugar em que o caminho se divide em três em direcção aos

[campos.

Um dos caminhos fende a Fócida, solo grato a Baco<sup>(61)</sup>,

de onde abandona os campos, procurando alcançar o céu

280

por meio de encostas de suave inclinação, o alto Parnaso de duplo

[cume;

<sup>(57)</sup> Trata-se dos deuses penates, mencionados no v. 23.

<sup>(58)</sup> Referência ao Istmo de Corinto, banhado por Neptuno de ambos os lados. Édipo julgava que Corinto era a sua terra natal.

<sup>(59)</sup> A Pítia, sacerdotisa de Delfos (cf. vv. 230-231). Cirra era uma antiga cidade próxima de Delfos.

<sup>(60)</sup> Próximas ao santuário de Delfos.

<sup>(61)</sup> A Fócida era a região da Grécia central onde se situava Delfos. Era «grata» a Baco devido ao carácter sagrado do Monte Parnaso, onde as seguidoras do deus (as Bacantes, ou Ménades) organizavam um festival trienal (Lucano 5.71-74).

outro segue para a terra de Sísifo<sup>(62)</sup>, com os seus dois mares,  
em direcção aos campos olénios<sup>(63)</sup>; o terceiro caminho,  
serpenteando por um vale profundo, toca as águas dispersas  
285 do rio Olmio<sup>(64)</sup> e desune o seu leito gélido:  
aqui, o que seguia confiado na paz, de súbito, um grupo de  
[salteadores  
atacou com o ferro e perpetrou o crime sem testemunhas.  
Eis que agora mesmo, pelo oráculo de Febo convocado,  
se apressa Tirésias, apesar de o atrasarem os joelhos trémulos,  
290 guiando-o, viúvo de luz, a sua companheira Manto.

#### ÉDIPO

Homem consagrado aos deuses, próximo do próprio Febo,  
explica a resposta do deus; diz quem deve sofrer o castigo.

#### TIRÉSIAS

Que a minha língua seja tarda a falar, que peça alguma demora,  
certamente não te deve, ó magnânimo, admirar:  
295 para o que carece da visão uma grande parte da verdade se esconde.  
Mas para onde a pátria, para onde Febo, me chama, hei-de seguir:  
escave-se o destino; se fosse jovem e fogoso o meu sangue,  
no meu peito havia de receber o deus.<sup>(65)</sup>

<sup>(62)</sup> Corinto. Sísifo, filho de Éolo, foi o fundador lendário de Corinto, cidade frequentemente designada por *bimaris*, «de dois mares», devido ao seu famoso istmo. Sísifo é um dos célebres supliciados nos Infernos. Vítima da cólera de Júpiter, por tê-lo denunciado como o raptor de Egina, filha de Asopo, foi-lhe imposto, como castigo, fazer rolar eternamente um enorme rochedo pela subida de um monte. Todavia, mal o rochedo atinge o cume, volta para trás, mercê do seu próprio peso, e o trabalho tem de recomeçar.

<sup>(63)</sup> Óleno era uma cidade no sudoeste da Etólia, onde o golfo de Corinto se encontra com o Mar Jónico.

<sup>(64)</sup> Rio da Beócia.

<sup>(65)</sup> Estado inicial de inspiração divina, quando o adivinho é possuído pelo deus, mesmo antes da transmissão da profecia. Tirésias lamenta ser demasiado velho e fraco para suportar uma possessão divina.

(Aos servos)

Trazei ao altar um boi de dorso alvo  
e uma novilha cuja cerviz jamais tenha suportado o curvo jugo.

300

(A Manto)

Tu, filha, o teu pai privado de luz conduzindo,  
os manifestos sinais desse sacrifício fatídico expõe.

MANTO

Uma vítima bem nutrida está diante do altar sagrado.

TIRÉSIAS

Para os nossos votos os deuses convoca com a fórmula ritual  
e cobre o altar com a dádiva do incenso oriental.

305

MANTO

Já lancei o incenso ao fogo sagrado dos deuses celestes.

TIRÉSIAS

E a chama? Já devora as copiosas oferendas?

MANTO

Com um súbito clarão refulgiu, e subitamente apagou-se.

TIRÉSIAS

Acaso o fogo se elevou claro e luminoso  
e o seu vértice puro levou direito ao céu  
e, pelos ares disperso, a alta cabeleira desembaraçou?  
Ou serpeia para os lados, incerto do caminho,  
e vacila, túrbido, com o fumo ondulante?

310

## MANTO

315 Não una foi a forma da chama móvel:  
tal como a imbrífera Íris<sup>(66)</sup> em diversas cores se mistura  
e, curvando-se sobre grande parte do céu,  
com o seu variegado arco anuncia tempestades  
(não saberias dizer que cor falta e qual está presente),  
assim cerúlea, misturada com manchas fulvas, vagueou a chama,  
320 depois de um vermelho sanguíneo; por fim desvaneceu-se nas trevas.  
Mas eis que o fogo pugnaz em duas partes se divide  
e cinde-se de um sacrifício único  
a chama discorde — pai, horrorizo-me com o que vejo:  
libados, os dons de Baco<sup>(67)</sup> transmutam-se em sangue  
325 e um fumo cerrado cinge a cabeça do rei  
e em torno dos seus próprios olhos assenta mais espesso  
e, com uma nuvem cerrada, encobre essa sórdida luz.  
O que isso seja, pai, diz-nos.

## TIRÉSIAS

De que poderei falar  
ante o inquieto tumulto do meu espírito atónito?  
330 Que hei-de dizer? São males sinistros, mas profundamente ocultos;  
costuma a ira dos numes mostrar-se por sinais claros:  
que é isso que eles querem,  
e ainda assim não querem, ver revelado, e que ferozes iras escondem?  
O que envergonha os deuses, desconheço. Vem depressa até aqui  
335 e esparge a farinha salgada pela cerviz dos animais.  
É com face plácida que eles suportam o contacto ritual  
das tuas mãos?<sup>(68)</sup>

<sup>(66)</sup> Deusa do arco-íris, filha de Taumas (ou Taumante) e mensageira dos deuses, especialmente de Juno.

<sup>(67)</sup> Isto é, o vinho.

<sup>(68)</sup> Nos sacrifícios rituais tudo era considerado ominoso. Neste sacrifício em especial, muitas coisas não correm como previsto, o que aponta para uma corrupção do ritual: os animais oferecem resistência; o «suicídio» da novilha; o duplo golpe que o boi recebe e a sua agitação antes de morrer; o fluxo de sangue.

## MANTO

O touro, levantando alto a cabeça,  
quando voltado para oriente assustou-se com a luz do dia  
e, tremendo, desvia a face e foge aos raios do Sol.

## TIRÉSIAS

Jazem por terra atingidos por um único golpe? 340

## MANTO

A novilha lançou-se a si mesma contra o ferro diante dela  
e com um golpe único tombou, mas o touro, tendo recebido dois  
[ferimentos,  
para um lado e para outro, dúbio, se precipita  
e, exausto, a vida relutante a custo expira.

## TIRÉSIAS

O sangue, impaciente, de uma estreita ferida golfa,  
ou, lento, extensas úlceras irriga? 345

## MANTO

De um, pelo próprio caminho que o peito descerra,  
a torrente mana, do outro, as feridas profundas  
são maculadas por um fio exíguo; mas, voltando para trás,  
pela boca e pelos olhos corre um profuso jacto de sangue. 350

## TIRÉSIAS

Esse infausto sacrifício desperta grande terror.  
Mas faz-me conhecer os claros sinais das vísceras.<sup>(69)</sup>

Ainda assim, apesar de corrupto, os indícios que ressaltam do ritual são claros, ao menos para o público, e representam eventos posteriores da peça: a cegueira de Édipo, o suicídio de Jocasta e a guerra fratricida entre Etéocles e Polinices.

<sup>(69)</sup> Os «terceiros sinais», decorrentes da inspecção das entranhas das vítimas (*extispicium*).

MANTO

Pai, que é isto? Não trepidam por leve movimento agitadas,  
como é costume, as entranhas, mas as minhas mãos inteiras elas  
[abanam,

355 e de novo o sangue irrompe das veias.

O coração, enfermo, está murcho e esconde-se profundamente  
[mergulhado,

e estão lívidas as veias; muitos órgãos estão em falta,

e de fel negro<sup>(70)</sup> espuma o fígado<sup>(71)</sup>, putrefacto,

e (presságio sempre funesto para um reino indivíduo)

360 eis que duas cabeças se erguem com tamanho idêntico,

mas cobre cada uma das cabeças feridas uma ténue membrana,  
às coisas ocultas negando abrigo.

O lado hostil<sup>(72)</sup> ergue-se vigorosamente

e sete veias mostra; a todas, impedindo-as de voltar para trás<sup>(73)</sup>,

365 corta-as um sulco oblíquo.

Mudada está a ordem, nada jaz no seu lugar próprio,

mas tudo está ao revés: cheio, não de ar,

mas de sangue, no lado direito jazem os pulmões;

o coração não está do lado esquerdo; com o seu revestimento mole

370 as pregas viscosas não envolvem as membranas das vísceras:

a natureza está reversa; nenhuma lei resta no útero.

Perscrutemos a que se deve tamanha rigidez das vísceras.

Que monstro é este? Um feto da inupta novilha,

colocado num lugar estranho e que não é o do costume,

375 enche a genitora; move os membros, gemendo;

<sup>(70)</sup> A bÍlis negra era sinal de loucura (*furor*) e de emoções violentas (cf. *Epístola* 94.17).

<sup>(71)</sup> A observação do fígado tinha especial importância na divinação. Cf. e.g. Cícero, *Da Adivinhação* 2.32.

<sup>(72)</sup> O fígado era pelos harúspices dividido em lado hostil, *pars inimica*, que continha sinais desfavoráveis, e em lado favorável, *pars familiaris*, com sinais propícios. Neste caso, o lado hostil não só contém sinais desfavoráveis, mas também indícios claros de um conflito entre inimigos (*hostes*).

<sup>(73)</sup> Referência à expedição dos Sete contra Tebas, de resultado desastroso, já que todos os chefes pereceram.

os membros débeis são abalados por uma rigidez convulsiva;  
impregnou as negras entranhas um sangue lívido;  
e os troncos desfigurados ensaiam passos  
e um dos corpos eviscerados ergue-se e com o corno avança  
contra os sagrados sacerdotes; as vísceras soltam-se da minha mão. 380  
Esse tumulto que te aturdiu não são os graves berros de uma manada,  
nem ressoam rebanhos por aqui e por ali aterrados:  
muge no altar o fogo e trepida a lareira.

ÉDIPO

Que dizem esses sinais do terrífico sacrifício?

Explica-me. As tuas palavras com ouvido não timorato hei-de

[receber: 385

é costume males extremos deixarem tranquilos os homens.

TIRÉSIAS

Esses males hás-de invejar, para os quais procuras uma solução.

ÉDIPO

Revela a única coisa de que os deuses celestes querem que se tome

[conhecimento:

quem com o assassínio do rei contaminou as mãos.

TIRÉSIAS

Nem aqueles que as alturas do céu sulcam com leves penas, 390  
nem entranhas arrancadas a peitos ainda palpitantes

podem o seu nome divulgar; outro é o caminho que deve ser

[explorado:

ele mesmo<sup>(74)</sup> deve ser convocado das regiões da noite eterna,

libertado do Érebo para indicar o autor do assassínio.

<sup>(74)</sup> Laio, que, apesar de não ser nomeado, está presente em toda a peça.



395 Aberta deve ser a terra, de Dite o implacável nume invocado<sup>(75)</sup>,  
os habitantes do Estige infernal  
arrastados para aqui: diz quem vais tu enviar ao ritual;  
em verdade, a ti, que deténs o sumo poder do reino, a lei divina  
avistar as sombras. [não te permite

#### ÉDIPO

A ti, Creonte, incumbe este ofício,  
400 o segundo para quem o meu reino volta os olhos.

#### TIRÉSIAS

Enquanto desaferrolhamos os claustros do Estige profundo,  
soe o hino popular em honra de Baco.<sup>(76)</sup>

#### CORO

Cinge os cabelos soltos com oscilantes cachos de hera<sup>(77)</sup>,  
tendo armado os delicados braços com o tirso de Nisa<sup>(78)</sup>;  
405 resplandecente ornato do céu, vem para aqui,  
para os votos que a ti  
a tua nobre Tebas, ó Baco,  
com mãos súplices dirige.  
Para aqui volta a tua face feminina, favorecendo-nos,  
com o teu sidéreo rosto faz desaparecer as nuvens  
410 e as funestas ameaças do Érebo  
e o ávido destino.

<sup>(75)</sup> Plutão, ou Hades.

<sup>(76)</sup> Tebas era a terra natal de Sêmele, mãe de Baco.

<sup>(77)</sup> A coroa de hera era um atributo tradicional de Baco, porquanto as Ninfas do Monte Nisa teriam ocultado, com hera, o berço de Baco da furiosa Juno, irada com mais uma infidelidade do marido, Júpiter.

<sup>(78)</sup> O tirso, uma cana enfeitada com hera, era outro atributo de Baco e seus seguidores. Nisa é o nome do monte, na Fenícia, onde Baco nasceu e foi criado depois pelas Ninfas.

A ti convém-te cingir os cabelos com flores primaveris,  
a ti, a cabeça coroar com a mitra tória<sup>(79)</sup>,  
ou com ervas bacíferas  
415 atar a fronte delicada,  
espalhar sem lei os cabelos soltos,  
de novo apanhá-los com um apertado nó,  
tal como quando, temendo a madrasta irada<sup>(80)</sup>,  
cresceste assumindo uma aparência que não era a tua,  
420 fingindo ser uma jovem de cabeleira loira,  
com um cinto amarelo em torno do vestido<sup>(81)</sup>:  
daí que viesses a apreciar trajes delicados,  
pregas soltas e a roçagante túnica trágica.  
Viu-te sentado no teu carro dourado,  
425 com um longo manto e a guiar os teus leões<sup>(82)</sup>,  
toda a vasta região da terra de Eos,  
aquele que bebe do Ganges<sup>(83)</sup>  
e aquele que fende o gélido Araxes<sup>(84)</sup>.  
Segue-te o velho Sileno<sup>(85)</sup> num desgraçado burrico,  
430 as túrgidas têmeoras<sup>(86)</sup> cingindo com grinaldas de pâmpano;  
os teus insolentes iniciantes celebram os teus secretos mistérios.  
Acompanhando-te, o séquito das Bassárides<sup>(87)</sup>

<sup>(79)</sup> De Tiro, na Fenícia: alusão às raízes de Cadmo, fundador de Tebas, ou referência à pretensa origem oriental do culto dionisiaco.

<sup>(80)</sup> Juno, irada com a infidelidade do marido, Júpiter, com a filha de Cadmo, Sêmele, mãe de Baco.

<sup>(81)</sup> Mercúrio deu Baco a criar ao rei de Orcómeno, Átamas (ou Atamante), e à sua segunda mulher, Ino. Instruiu-os para que vestissem o pequeno Baco com roupas feminis, de modo a iludir os ciúmes de Juno, que tentava fazer perecer a criança, fruto da relação extramatrimonial do marido com Sêmele.

<sup>(82)</sup> Os leões que puxavam o carro de Baco.

<sup>(83)</sup> Maior rio da Índia. O elogio de Baco culmina com uma imagem do deus triunfante na Índia.

<sup>(84)</sup> Principal rio da Arménia, hoje Aras; desagua no Mar Cáspio. A sua gelidez era proverbial.

<sup>(85)</sup> Sátiro a quem foi confiada a criação de Baco.

<sup>(86)</sup> Por efeito do vinho, já que Sileno beberia em excesso.

<sup>(87)</sup> Nome por que eram conhecidas as Ménades trácias, já que Baco era por vezes chamado *Bassareus*. As Ménades, ou Bacantes, eram as seguidoras de Baco.

435 fez soar a terra com a sua dança,  
agora no Pangeu edono<sup>(88)</sup>,  
agora no trácio cume do Pindo<sup>(89)</sup>;  
agora entre as mães cadmeias<sup>(90)</sup>  
vem a ímpia ménade<sup>(91)</sup>,  
companheira de Iaco ogígio<sup>(92)</sup>,  
com a nébride sagrada rodeando-lhe o flanco.<sup>(93)</sup>  
Por ti as mães, com o peito alvoroçado,  
440 soltaram os cabelos,  
o leve tirso brandindo nas mãos  
\* \* \* \* \*  
logo depois de rasgados os membros de Penteu<sup>(94)</sup>,

Possuídas pelo deus, elas vagueavam pelos campos, portando os tirsos e coroadas de hera. Personificavam os espíritos orgiásticos da Natureza.

<sup>(88)</sup> O Pangeu é uma montanha na Macedónia. Os Edonos eram uma tribo que vivia perto da fronteira entre a Trácia e a Macedónia, famosos pelo culto de Baco.

<sup>(89)</sup> Montanha situada na fronteira entre a Tessália e a Macedónia, aqui, contudo, localizada na Trácia. Os poetas romanos usavam os adjectivos geográficos, não raras vezes, de forma imprecisa.

<sup>(90)</sup> As mães tebanas, especialmente as irmãs de Agave, filhas de Cadmo.

<sup>(91)</sup> As mulheres de Tebas, lideradas pela «ímpia ménade», Agave, adoptaram o culto dionisíaco, tornando-se Ménades (ou Bacantes).

<sup>(92)</sup> O mesmo que «tebano». Ógigo era um lendário fundador e rei de Tebas.

<sup>(93)</sup> A nébride era uma pele de gamo, veste típica das Ménades, que despeçavam os animais.

<sup>(94)</sup> Penteu é um herói tebano, filho de Equíon, um dos Espartos, e de Agave, uma das filhas de Cadmo (cf. v. 485). A história de Penteu está relacionada com o ciclo dionisíaco. Dioniso/Baco é, como se sabe, um deus de origem tebana, filho de Sémele e, por conseguinte, primo de Penteu. Após ter conquistado a Ásia, Dioniso chega a Tebas, onde põe as mulheres em estado de delírio. Mas o rei, Penteu, decidiu opor-se à propagação desse culto violento. Acusa Dioniso de charlatão e impostor. Dioniso sugere a Penteu que se dirija ao Monte Citéron a fim de ver com os seus próprios olhos as mulheres em delírio (as Bacantes/Ménades). O rei esconde-se, então, atrás de um pinheiro. As mulheres, apercebendo-se da sua presença, arrancam a árvore pela raiz e apoderam-se do intruso, rasgando o seu corpo em pedaços. Agave é a primeira a agredi-lo, cortando-lhe a cabeça e cravando-a na extremidade de um tirso. É com esse troféu que ela se encaminha para Tebas, exibindo, orgulhosa, aquilo que supõe

as Tíades<sup>(95)</sup>, os corpos libertos agora do delírio divino,  
olharam para essa barbaridade como se lhes fosse estranha.  
A tia materna<sup>(96)</sup> do radioso Baco é rainha do mar  
e Ino cadmeia está rodeada de coros de Nereides<sup>(97)</sup>;  
tem autoridade sobre as ondas do vasto mar profundo um menino

[forasteiro,

parente de Baco, nume não vil, Palémon.

A ti<sup>(98)</sup>, na tua juventude, raptou-te um bando de tirrenos<sup>(99)</sup>,  
e Nereu<sup>(100)</sup> serenou o tímido mar,  
transmuta em prados as cerúleas ondas:

aqui o plátano verdece com folhagem primaveril,  
e o loureiro, árvore cara a Febo;  
a gárrula ave pipila pelos ramos,  
de vivazes heras se cobre o remo,  
a videira une-se ao topo da gávea.  
O leão do Ida<sup>(101)</sup> ruge na proa,

ser a cabeça de um leão. Contudo, ao chegar à cidade, Cadmo desilude-a; o delírio finda, e Agave apercebe-se de que o ser que matara não era um animal selvagem, mas o seu próprio filho. Esta história foi imortalizada, sobretudo, pelas *Bacantes* de Eurípides.

<sup>(95)</sup> Outro nome das Bacantes/Ménades (cf. Catulo 64.391).

<sup>(96)</sup> Ino era filha de Cadmo e irmã de Sémele, mãe de Baco. Depois da morte de Sémele, Ino convenceu o marido, Átamas (ou Atamante), a recolher o pequeno Baco, e a educá-lo juntamente com os filhos de ambos, Learco e Melicertes. Mas Juno, encolerizada e para os castigar por terem recolhido um filho dos amores adúlteros de Júpiter, enlouqueceu Átamas e Ino. Esta lançou o filho mais novo, Melicertes, para dentro de um caldeirão com água a ferver e, depois, precipitou-se no mar juntamente com o cadáver do filho. As divindades marinhas apiedaram-se dela e transformaram-na numa nereide, Leucótea, a Deusa Branca, a deusa da bruma, enquanto a criança se tornava o pequeno deus Palémon. Em Roma, Leucótea foi identificada com a *Mater Matuta*, a deusa da manhã, ou da aurora; e Palémon, com Portuno, o deus dos portos.

<sup>(97)</sup> Ninfas do mar, nascidas de Nereu e Dóris.

<sup>(98)</sup> Referência a Baco, e não a Palémon.

<sup>(99)</sup> Os Etruscos, que tinham fama de piratas.

<sup>(100)</sup> Divindade marinha, um dos «Velhos do Mar» e pai das Nereides.

<sup>(101)</sup> Ida era o nome de dois montes, um em Creta, outro na Frígia, perto de Tróia. O mais provável é que este passo se refira ao último. No *Sétimo Hino Homérico* (44) é o próprio deus (Dioniso/Baco) que se transforma em leão.

na popa senta-se o tigre do Ganges.

Então os pávidos piratas nadam no mar

460 e nova aparência assumem os seus corpos submersos:

primeiro, caem os braços aos bandidos,

e o peito, desabando sobre o ventre, junta-se a ele,

pequenas mãos pendem das ilhargas

e o dorso encurvado mergulha nas ondas,

465 uma cauda lunada cinde o mar:

e, afastando-se, as velas são agora perseguidas

por curvos golfinhos.<sup>(102)</sup>

Sobre as suas opulentas ondas conduziu-te o Pactolo lídio<sup>(103)</sup>,

torrentes de ouro transportando no caudaloso curso;

afrouxou os arcos vencidos e as géticas setas<sup>(104)</sup>

470 o Masságetas<sup>(105)</sup>, que mistura nas suas taças o sangue com o leite;

os reinos de Licurgo<sup>(106)</sup> porta-machado sentiram Baco,

sentiram-no as terras ferozes dos †Zálaces<sup>(107)</sup>

e aqueles que o vizinho Bóreas<sup>(108)</sup> fere

<sup>(102)</sup> Trata-se da história de como o jovem Baco foi capturado por piratas etruscos e de como estes foram depois transformados em golfinhos (cf. *Agamémnon* 449–455). É um episódio famoso, tema do *Sétimo Hino Homérico* e depois reescrito por Ovídio (*Metamorfoses* 3.670–686). Veja-se também Propércio (3.17.25–26).

<sup>(103)</sup> O Pactolo era um grande rio da Lídia, associado a Baco e proverbialmente conhecido pela sua abundância em ouro. A Lídia era uma região da Jónia central (actualmente, Turquia ocidental), da qual Sárdis era a capital.

<sup>(104)</sup> Os Getas eram uma tribo trácia, estabelecida nas margens da foz do Danúbio.

<sup>(105)</sup> Os Masságetas eram uma tribo da Cítia, estabelecida junto ao Mar Cáspio. Juntamente com os Getas, os Masságetas são aqui exemplo de povos bárbaros.

<sup>(106)</sup> Licurgo, rei dos Edonos, na Trácia, insultou e expulsou Baco das suas terras e aprisionou as Bacantes e os Sátiros do seu séquito. Como castigo, Baco enlouqueceu-o. Então, Licurgo atingiu e matou com um machado o próprio filho, Drias, pensando que este era um pé de videira.

<sup>(107)</sup> Tribo desconhecida (provavelmente do Norte, na opinião de Boyle, 2011: 223).

<sup>(108)</sup> Vento norte.

quando mudam de campos<sup>(109)</sup>, e os povos que o Meótis<sup>(110)</sup>  
banha com a sua água frígida

e os que contempla, da sua altura suprema,

a constelação arcádia<sup>(111)</sup> com o seu duplo plaustro.<sup>(112)</sup>

Ele domou os dispersos Gelonos<sup>(113)</sup>,

arrancou as armas às virgens bravias<sup>(114)</sup>:

de rosto voltado para baixo, caíram por terra

480 as catervas termodônticas<sup>(115)</sup>

e, enfim postas de lado as leves setas,

tornaram-se ménades.

O Citéron<sup>(116)</sup> sagrado inundou-se do sangue

485 da morte ofiónia<sup>(117)</sup>;

<sup>(109)</sup> Referência aos Citas, famosos pelo estilo de vida nómada. Habitavam primitivamente a Ásia Central, mas com o tempo começaram a estender-se para ocidente (Mar Cáspio) e sul (Média, Egipto), acabando por ser submetidos pelos Sármatas.

<sup>(110)</sup> Lago da Cítia, actual Mar de Azov.

<sup>(111)</sup> Arcto, a constelação da Ursa Maior, segundo a lenda formada pela apoteose da ninfa Calisto, oriunda da Arcádia. Esta constelação era também conhecida por «Carro», *Plaustrum*.

<sup>(112)</sup> Isto é, o outro «Carro», a Ursa Menor (ou Cinosura, literalmente «cauda de cão»).

<sup>(113)</sup> Tribo nómada da Cítia.

<sup>(114)</sup> As Amazonas, povo de mulheres que descendiam do deus da guerra, Marte, e da ninfa Harmonia. Governavam-se a si mesmas, sem recorrerem a nenhum homem. À sua frente estava uma rainha, Hipólita. Não toleravam a presença dos homens, a não ser como servidores. Há autores que dizem que mutilavam à nascença os filhos do sexo masculino, cegando-os ou tornando-os coxos.

<sup>(115)</sup> De Termodonte, rio da Capadócia. Séneca segue aqui a versão mais divulgada do mito, de acordo com a qual as Amazonas habitariam junto a este rio, localizado na província romana do Ponto, parte da actual Turquia. As Amazonas seriam, assim, vizinhas dos Colcos.

<sup>(116)</sup> Montanha na Beócia, perto de Tebas. Local tradicional do culto de Baco. Foi aí que Penteu foi morto pela própria mãe, Agave, e aí, também, foi Édipo exposto quando criança (cf. v. 808).

<sup>(117)</sup> Referência ao assassinio de Penteu às mãos das Bacantes (cf. vv. 436–444). Ofion é uma figura obscura. O seu nome pode ser uma variante de Equión (ambos significam «Homem Serpente»), um dos cinco Espartos (*Spartoi*)

as Prétides<sup>(118)</sup> procuraram as florestas,  
e Argos cultuou Baco na presença da sua madrasta.<sup>(119)</sup>  
Naxos, rodeada pelo Mar Egeu,  
deu-te a desposar uma virgem abandonada<sup>(120)</sup>,  
490 com um melhor marido compensando a sua perda:  
de um rochedo seco  
fluiu o liquor de Nictélio<sup>(121)</sup>;  
gárrulos ribeiros sulcaram a relva,  
impregnou-se de doces sucos a terra profunda  
495 e de fontes brancas de níveo leite  
e de vinhos de Lesbos<sup>(122)</sup> misturados com o olente tomilho.  
É conduzida a nova noiva ao vasto céu:  
o solene hino Febo<sup>(123)</sup>,  
soltos os cabelos sobre os ombros,  
500 canta e o duplo Cupido<sup>(124)</sup>  
brande os fachos nupciais;

sobreviventes, guerreiros que nasceram dos dentes do dragão semeados por Cadmo (cf. vv. 743–747). Equíon era o marido de Agave, mãe de Penteu, e, portanto, antepassado de Jocasta e Creonte.

<sup>(118)</sup> As três filhas de Preto, rei de Argos. Consideravam-se mais belas do que Juno e recusavam-se a venerar Baco. Enlouquecidas ou por Juno ou por Baco, vagueavam pelos campos, julgando-se vacas. A referência a este mito assinala a imposição do culto de Baco em Argos.

<sup>(119)</sup> Juno, deusa protectora de Argos.

<sup>(120)</sup> Ariadne, filha de Minos, rei de Creta, e Pasífae. Tomada por um amor violento, ajudou Teseu a sair do Labirinto onde se encontrava o Minotauro, tendo-lhe dado um novelo de fio, que ele desenrolou e lhe indicou o caminho de regresso. Para escapar à cólera de Minos, Ariadne fugiu com Teseu. Este, contudo, abandonou-a, adormecida, na ilha de Naxos, onde foi encontrada por Baco, que a desposou e levou para o Olimpo (cf. Catulo 64.50–266).

<sup>(121)</sup> Um dos epítetos de Baco, do grego *nyx*, «noite», já que o culto de Baco decorria, por norma, de noite.

<sup>(122)</sup> Lesbos, no Mar Egeu, era, e é, a maior ilha da Ásia Menor. Era conhecida pela cultura (a título de exemplo, pelos seus poetas Alceu e Safo) e pelo vinho.

<sup>(123)</sup> Como deus da música, é natural que seja Febo Apolo a providenciar o cântico nupcial.

<sup>(124)</sup> Também conhecido por Amor, filho de Vénus e Marte, Cupido era o deus romano do desejo sexual, e corresponde ao grego Eros. É conhecido pela sua natureza «dupla», doce e acre.

Júpiter depôs o dardo ígneo  
e oculta, com a chegada de Baco, o seu raio.<sup>(125)</sup>  
Enquanto resplandecentes percorrerem o seu curso as estrelas do  
[universo secular,  
enquanto o Oceano<sup>(126)</sup> com as suas ondas cercar o clausurado orbe  
e enquanto a Lua cheia voltar a reunir os seus fogos dispersos,  
505 enquanto Lúcifer<sup>(127)</sup> prenunciar a matutina alvorada  
e enquanto a Ursa, nas alturas, não conhecer o cerúleo Nereu<sup>(128)</sup>,  
a face brilhante do formoso Lieu<sup>(129)</sup> havemos de venerar.

<sup>(125)</sup> O raio que matou Semele, mãe de Baco. Semele foi amada por Júpiter e dele concebeu Baco. Juno, enciumada, sugeriu-lhe que pedisse ao seu amante divino que lhe aparecesse em toda a sua glória. Júpiter, que, imprudentemente, prometera a Semele conceder-lhe tudo quanto lhe pedisse, teve de se aproximar dela com os seus raios. Semele, fulminada, morreu instantaneamente.

<sup>(126)</sup> O Oceano era um Titã (filho de Geia e Úrano, e marido da deusa do mar Tétis), personificação da água que, segundo as concepções helénicas primitivas, cercava o mundo. Era representado como um rio que corria à volta do disco plano que era a Terra.

<sup>(127)</sup> A estrela da manhã.

<sup>(128)</sup> Divindade marinha, aqui utilizado como sinónimo de «mar»; na região do Mediterrâneo, e um pouco mais a norte, as constelações circumpolares das Ursas Maior e Menor nunca se viam abaixo da linha do horizonte, donde a imagem de não tocarem no mar.

<sup>(129)</sup> Lieu é um epíteto de Baco. A palavra Lieu, do grego *luô*, significa «que desata ou solta», descrevendo, assim, o efeito libertador do vinho.

## ACTO TERCEIRO

ÉDIPO

Apesar de o teu rosto, só por si, exhibir já flébeis indícios,  
diz-nos, com a cabeça de quem havemos de aplacar os deuses. 510

CREONTE

Ordenas revelar o que aconselha a calar o medo.

ÉDIPO

Se a ruína de Tebas não te comove o suficiente,  
comova-te o ceptro caído da casa da tua família.

CREONTE

Hás-de desejar desconhecer o que tanto anseias por saber.

ÉDIPO

Estéril remédio contra os males é a ignorância. 515  
Assim o rasto para a salvação pública hás-de enterrar?

CREONTE

Quando torpe é o remédio, recusa-se a curar.

ÉDIPO

Diz o que ouviste ou, domado por grave sofrimento,  
hás-de saber o que podem as armas de um rei irado.

CREONTE

520 Odeiam os reis as palavras que ordenam ser ditas.

ÉDIPO

Serás enviado para o Érebo, insignificante sacrifício no interesse  
[de todos,  
se com as tuas palavras não revelares os segredos do rito.

CREONTE

Que me seja permitido calar. Alguma liberdade menor  
é pedida a um rei?

ÉDIPO

525 Muitas vezes, mais do que a palavra,  
prejudica o rei e o reino uma muda liberdade.

CREONTE

Quando não é permitido calar, que é permitido?

ÉDIPO

Anula a autoridade quem cala quando lhe ordenam que fale.

CREONTE

Peço-te que estas palavras coagidas acolhas plácido.

ÉDIPO

Acaso já alguém foi punido por palavras tiradas à força?

CREONTE

Há longe da cidade um negro bosque sagrado de azinheiras, 530  
próximo do lugar do vale banhado por Dirce.

O cipreste<sup>(130)</sup>, sobre a alta mata levantando a cabeça,  
com o seu tronco sempre verde enleia a floresta,  
e carvalhos seculares estendem os seus ramos encurvados  
e apodrecidos pelo mofo: a este, rompeu-lhe o flanco 535  
a voraz velhice; aquele, declinando já com a raiz carcomida,  
pende amparado por um tronco alheio.

★ ★ ★ ★ ★ ★

O loureiro de bagas amargas e as tílias leves  
e a murta de Pafos<sup>(131)</sup> e o álamo que pelo imenso mar  
há-de mover os remos e, defrontando Febo, 540  
o pinheiro que o seu tronco sem nós opõe aos Zéfiros.  
No meio ergue-se ingente árvore que, com uma sombra compacta,  
comprime as árvores menores e, por um amplo espaço  
alongando os ramos, defende sozinha o bosque.

Triste debaixo dela e íncisa da luz de Febo, 545  
estagna água congelada por um frio eterno;  
um limoso pântano cerca uma fonte ociosa.

Quando o ancião sacerdote ali levou os seus passos,  
não se demorou: ★ ★ ★ ★ ★

★ ★ ★ o lugar oferecia a noite.

Então cavou-se a terra e, por cima, 550  
lançaram-se fogos roubados às piras. O próprio vate  
cobre o corpo com vestes fúnebres e brande um ramo;  
com esse ornamento esquálido, avança, lúgubre, o ancião; 554  
um manto horrendo estende-se até aos seus pés, 553

<sup>(130)</sup> O cipreste italiano estava associado à morte. Era plantado à volta, ou mesmo dentro, de mausoléus.

<sup>(131)</sup> Cidade do Chipre, onde havia um famoso templo dedicado a Vénus; a associação da murta à morte encontra-se já em Vergílio (*Eneida* 6.443-444).

555 o mortífero teixo<sup>(132)</sup> fica preso às suas câs.  
Ovelhas de velo escuro e vacas negras<sup>(133)</sup>  
são arrastadas para o antro. A chama rapina o banquete  
e o gado trepida, ainda vivo, no fogo feral.  
Ele invoca, então, os manes, e a ti, senhor dos manes<sup>(134)</sup>,  
560 e o guardião dos claustros do lago do Letes<sup>(135)</sup>;  
e as palavras mágicas vai desenrolando e, ameaçador, num tom  
[selvagem,  
canta todos os encantamentos que aplaquem ou forcem  
as leves sombras; liba sangue na fogueira  
e queima os animais inteiros  
e a cova cumula de abundante sangue; e liba ainda sobre ela o liquor  
565 [níveo do leite,  
e faz correr também o dom de Baco com a mão esquerda<sup>(136)</sup>  
e de novo canta e, fixando na terra o seu olhar,  
com voz mais grave e atroadora os manes conjura.<sup>(137)</sup>  
Latiu a turba de Hécate<sup>(138)</sup>; três vezes os vales profundos

<sup>(132)</sup> O teixo tornou-se, na poesia pós-augustana, uma árvore lúgubre, associada à morte e aos Infernos, à semelhança do cipreste.

<sup>(133)</sup> Às divindades do mundo dos Infernos apenas deviam ser sacrificados animais de pêlo escuro.

<sup>(134)</sup> Plutão, ou Hades, ou Dite.

<sup>(135)</sup> Caronte, o barqueiro do mundo dos Infernos, responsável por transportar pelo rio Estige as sombras dos mortos sepultados e por impedir que as sombras dos insepultos fizessem essa travessia.

<sup>(136)</sup> Mão mais apropriada para os rituais de necromancia, uma vez que as convenções sociais e religiosas consideravam a mão direita mais honorável do que a esquerda. A mão esquerda não era utilizada na religião romana, pois estava associada aos ladrões. Apesar disso, para os áugures o lado esquerdo era considerado o lado favorável (Cícero, *Da adivinhação* 2.82).

<sup>(137)</sup> Tirésias invocou por duas vezes os mortos, com um interregno entre cada uma das invocações, durante o qual libou sangue, cremou animais sacrificiais e fez novas libações, agora de leite e vinho.

<sup>(138)</sup> Isto é, câs, associados a Hécate, frequentemente representada na arte pictórica com três cabeças ou três corpos. Era a deusa das encruzilhadas, donde o seu nome de Trívia, e estava presente nas três regiões do mundo mitológico: nos céus, como a Lua ou Febe; na terra, como Diana caçadora; no mundo infernal, como Prosérpina, mulher de Plutão. Na época de Séneca, era já associada à magia.

570 ressoaram lúgubres; com o solo abalado a partir de baixo,  
toda a terra tremeu. «Sou ouvido», diz o vate,  
«as fórmulas válidas pronunciei: rompe-se o cego caos  
e um caminho para o mundo superior é concedido ao povo de  
[Dite.»

575 Todo o bosque baixou e levantou a sua folhagem,  
abriram-se rachaduras nos carvalhos  
e sacudiu toda a floresta o horror, a terra retrocedeu  
e gemeu profundamente: ou porque o Aqueronte<sup>(139)</sup> não suportou  
de boa vontade que fosse invadido o seu ábdito abismo;  
ou porque a própria terra, para prover um caminho aos mortos,  
580 com as juntas rompidas ressoou; ou porque, louco de ira,  
o tricéfalo Cérbero as suas pesadas cadeias agitou.  
De súbito rasgou-se a terra e, abrindo um abismo imenso,  
descobriu-se — eu próprio os deuses pálidos<sup>(140)</sup>  
vi entre as sombras, eu próprio vi os estagnados lagos  
585 e a noite verdadeira; gelado nas veias se deteve  
e imobilizou o meu sangue. Cruel se lançou a coorte  
e levantou-se, em armas, toda a raça viperina,  
a caterva de irmãos nascidos dos dentes de Dirce.<sup>(141)</sup> 588  
Então a terrível Erínis<sup>(142)</sup> ressoou e a Loucura cega 590  
e o Horror e tudo o que a um só tempo criam  
e escondem as trevas eternas: o Luto, arrancando os cabelos,  
e, sustendo com esforço a cabeça cansada, a Doença,  
a Velhice, pesada a si mesma, e o Medo inquieto

<sup>(139)</sup> Rio do mundo dos Infernos. Representa metonimicamente o mundo dos Infernos.

<sup>(140)</sup> Dite, ou Hades, ou Plutão, e a sua mulher, Prosérpina.

<sup>(141)</sup> Alusão aos dentes da serpente semeados por Cadmo. Os primeiros manes a emergir são, portanto, os Espartos, os «homens semeados» (cf. vv. 743–747), que serão ainda referidos na terceira ode coral.

<sup>(142)</sup> A aparição, em segundo lugar, de uma das Erínias (ou Fúrias) reveste-se de especial importância, se tivermos em conta que uma das suas principais funções consistia em vingar crimes, sobretudo os que envolviam derramamento de sangue causado por familiares (cf. vv. 160–161). Ela vem acompanhada de conceitos abstractos personificados: a Loucura, o Horror, o Luto, a Doença, a Velhice, o Medo e a Peste.

589 e o mal da Peste, ávido do povo ogígio —  
595 abandonou-nos a coragem; ela mesma que os ritos  
e artes do ancião conhece ficou perplexa. O pai, intrépido  
e audaz por causa do seu dano<sup>(143)</sup>, invoca do fero Dite  
o exangue vulgo: logo, leves como nuvens,  
volitam e absorvem o ar a céu aberto.  
600 Não tantas as folhagens caducas que produz o Érice<sup>(144)</sup>;  
nem tantas as flores que, em plena Primavera, Hibla<sup>(145)</sup> cria,  
quando densos enxames convergem para apertadas colmeias;  
e não tantas as ondas que rompe o Mar Jónio;  
nem tantas as aves que, fugindo das ameaças do gélido Estrímon<sup>(146)</sup>,  
605 abdicam do Inverno e, cortando o céu,  
com o tépido Nilo compensam as neves árticas;  
quantos os espectros que aquela voz do vate trouxe para fora.  
Pavidamente, os esconderijos da umbrosa floresta procuram  
as almas trementes: primeiro emerge do solo,  
610 com a destra um touro feroz pelos cornos segurando,  
Zeto<sup>(147)</sup>; e na mão esquerda traz a cítara  
Anfion, que com a sua música doce em outro tempo arrastou os  
[rochedos<sup>(148)</sup>],  
e, entre os seus filhos, a filha de Tântalo<sup>(149)</sup>,

<sup>(143)</sup> Apenas Tirésias, porque não pode ver, não se encontra aterrorizado.

<sup>(144)</sup> Érice é a segunda montanha mais alta da Sicília (751m). Era muito conhecida pelo santuário a Vénus que albergava.

<sup>(145)</sup> Cidade localizada numa das vertentes do Monte Etna, na Sicília, conhecida pelo seu mel.

<sup>(146)</sup> Actual Strimon, rio que separa a Trácia da Macedónia.

<sup>(147)</sup> Príncipe tebano, filho de Júpiter e Antiope, sobrinha de Lico, rei de Tebas. Zeto e o seu irmão gêmeo Anfion foram expostos no Citéron, quando crianças, mas salvos por pastores. Adultos, mataram Lico e a sua mulher, Dirce, que maltratava a mãe dos jovens. Dirce foi amarrada a um touro e arrastada até a morte pelos rochedos do Citéron. Os dois irmãos reinaram, depois, juntos sobre Tebas.

<sup>(148)</sup> Anfion e o irmão, Zeto, muralharam Tebas. Zeto transportava as pedras às costas, enquanto Anfion se limitava a atraí-las com os acordes da sua lira.

<sup>(149)</sup> Níobe, filha de Tântalo e mulher de Anfion, jactava-se de ter uma prole mais numerosa do que a de Leto/Latona: tinha sete filhos e sete filhas, ao passo que a deusa tinha apenas dois. Ultrajada, Leto pediu aos seus próprios filhos, Febo

com altivez por fim segura, levanta a cabeça pesada de soberba  
e conta as suas sombras. Uma mãe pior está perto dela,  
615 a furibunda Agave, segue-a todo o bando  
das que fizeram em pedaços o rei: segue as Bacantes  
o dilacerado Penteu e mantém, feroz ainda, as ameaças.<sup>(150)</sup>  
Enfim, invocado muitas vezes, levantou a pudica cabeça  
e afasta-se para longe de toda essa turba  
620 e esconde-se (insiste e as preces estíguas  
multiplica o sacerdote, até ele mostrar, às claras,  
o rosto escondido) Laio — tremo ao falar nisto:  
levantou-se, horrído com o sangue que lhe escorria pelos membros,  
os esqueléticos cabelos cobertos de repugnante impureza,  
625 e com voz furiosa diz: «Ó feroz casa de Cadmo,  
sempre exultante com o sangue familiar,  
vibriai os tirso, com a mão guiada pelo deus  
lacerai antes os filhos — o crime maior em Tebas  
é o amor materno. Ó pátria, não pela ira dos deuses,  
630 mas por um crime és destruída: não é, com o seu opressivo sopro,  
o luctífero Austro<sup>(151)</sup>, nem, com a sua emanação seca,  
a terra pouco saciada com a chuva do céu, que te faz mal,  
mas um rei cruento, que, como prémio pelo cruel assassinio,  
se apoderou do ceptro e do nefando tálamo do pai.  
635 [odiosa prole: mas pior como pai  
do que como filho, de novo um peso no infausto útero]  
E impeliu-se até à sua própria origem, e fez a mãe procriar filhos  
[antinaturais  
e, costume raro até entre as feras,  
640 os seus próprios irmãos ele mesmo gerou — mal intricado,

Apolo e Diana, que a vingassem. Eles mataram, então, todos os filhos de Níobe, à excepção de dois, um rapaz e uma rapariga. Tendo chorado copiosamente, Níobe acabaria por ser metamorfoseada numa fonte, no Monte Sípilo (na Lídia).

<sup>(150)</sup> A morte de Penteu às mãos da própria mãe, Agave, e a vaidade excessiva na descendência, ilustrada pelo mito de Níobe, servem de exemplos da perversão do *maternus amor* (630) que historicamente infectava Tebas. Mas o exemplo de Agave é pior. Cf. vv. 442–445.

<sup>(151)</sup> Vento sul (também designado Noto), muitas vezes associado ao calor do Verão e à peste.



monstro mais sinuoso do que a sua Esfinge.

A ti, a ti, que com a destra cruenta portas o ceptro,  
a ti hei-de eu, pai inulto, perseguir juntamente com toda a cidade  
e comigo hei-de arrastar Erínis<sup>(152)</sup>, madrinha do teu casamento,  
645 hei-de arrastar os sonoros açoites, a tua incestuosa casa derrubar  
e os penates com uma guerra ímpia despedaçar.<sup>(153)</sup>  
Portanto, sem mais demoras expulsai das vossas fronteiras o rei,  
mandai-o para o exílio em qualquer parte; o solo que com os seus  
[passos funestos  
ele deixe para trás, com a florífera Primavera verdecendo,  
650 há-de reaver as suas ervas; de uma exalação pura se há-de prover  
o ar vital, há-de também regressar aos bosques a beleza;  
a Ruína e a Peste, a Morte, o Cansaço, a Podridão, a Dor,  
comitiva digna dele, hão-de retirar-se ao mesmo tempo;  
e ele próprio com passos rápidos do nosso reino há-de querer fugir,  
655 mas pesadas delongas aos seus pés  
hei-de estender e retê-lo: há-de arrastar-se sem direcção certa,  
averiguando o caminho com um triste báculo senil:  
arrebatai-lhe a terra; eu, pai dele, hei-de privá-lo do céu.»<sup>(154)</sup>

ÉDIPO

(*Aparte*)

Os meus ossos e membros invade um tremor gélido:  
660 o que temia fazer, sou acusado de ter feito —  
Mérope refuta qualquer violação do leito matrimonial,

<sup>(152)</sup> Cf. vv. 160–161. A presença de uma ou mais Erínias (ou Fúrias) num casamento era convenção literária de um casamento sob mau presságio.

<sup>(153)</sup> Nova alusão à futura guerra entre os irmãos Etéocles e Polinices. Cf. v. 237 e vv. 364–365.

<sup>(154)</sup> Verso muito expressivo, enquanto clímax do discurso de Laio, em que as alusões aos futuros exílio e cegueira de Édipo são combinadas com referências a preceitos legais romanos acerca da punição do parricídio. A punição padrão consistia em ser-se cosido num saco juntamente com um cão, um galo, uma víbora e um macaco, e atirado para o rio ou para o mar, de forma que o parricida fosse privado do céu, enquanto ainda estava vivo, e da terra, depois de morto.

casada ainda com Pólibo; absolve as minhas mãos  
o incólume Pólibo: ambos os meus pais me defendem  
do assassinio e do incesto. Que lugar para a culpa resta?  
Gemia Tebas a perda de Laio muito antes  
665 de eu fincar os meus passos no solo beócio.  
Mente o ancião ou algum deus atormenta Tebas?  
Já, já tenho os cúmplices do astucioso dolo:

(*A Creonte*)

urde estas maquinações, antepondo à fraude os deuses,  
o vate, e a ti promete-te o meu ceptro.

CREONTE

Acaso havia de desejar que a minha irmã do palácio real fosse expulsa?  
Se a fidelidade<sup>(155)</sup> sagrada à casa da minha família  
me não mantivesse inabalável na minha posição,  
a própria Fortuna me havia de aterrorizar,  
675 sempre demasiado desassossegada. Oxalá possas tu, a salvo,  
livrar-te desse fardo sem que ele te esmague ao recuare:  
já te hás-de encontrar mais seguro numa condição menos elevada.

ÉDIPO

Ainda me exortas a de livre vontade resignar  
ao meu tão pesado poder?

CREONTE

Eu aconselharia isso àqueles  
que ainda são livres de se mover em ambas as direcções:  
680 quanto a ti, já se impõe que suportes a tua Fortuna.

<sup>(155)</sup> *Fides*, tal como a *pietas*, não apenas um dos principais valores romanos, mas também uma deusa de direito próprio, *Fides Publica* ou *Fides Publica Populi Romani*.

ÉDIPO

É o caminho mais seguro, para aquele que reinar deseja,  
louvar a moderação e falar do ócio e do sono;  
pelo inquieto é amiúde simulada a quietude.

CREONTE

685 Pouco me abona tão prolongada fidelidade?

ÉDIPO

Ao pérfido dá a fidelidade uma oportunidade de fazer mal.

CREONTE

Livre dos encargos de um rei, dos benefícios da realeza fruo,  
e a minha casa floresce com os cidadãos que nela se reúnem;  
e não há dia que suceda à noite  
em que a proximidade do ceptro se não reverta em proveitos para  
690 [o meu lar;  
sumptuosidade, opulentos banquetes,  
a salvação, por meu favor, concedida a muitos:  
que poderia eu presumir que faltasse a tão venturosa Fortuna?

ÉDIPO

O que falta: a prosperidade nunca tem medida.

CREONTE

695 Hei-de, pois, não ouvida a minha causa, tombar como culpado?

ÉDIPO

Acaso vos interessou o testemunho da minha vida?  
Acaso ouvida foi a minha causa por Tirésias?  
Porém, pareço-vos culpado. Dais o exemplo: sigo-o.

CREONTE

E se sou inocente?

ÉDIPO

As coisas dúbias costumam os reis temer  
como se fossem certas.

CREONTE

Quem se assusta com medos vãos,  
os verdadeiros merece.

700

ÉDIPO

Qualquer suspeito,  
mesmo que libertado, sente ódio: que tudo o que é dúbio se extinga.

CREONTE

Assim se geram os ódios.

ÉDIPO

Quem teme de mais os ódios  
não sabe reinar: o medo defende os reinados.

CREONTE

O que, cruel, empunha o ceptro de um poder inflexível  
teme aqueles que o temem: o medo volta-se contra o seu autor.

705

ÉDIPO

(*Aos guardas*)

Guardai esse traidor encerrado num cárcere de pedra.  
Quanto a mim, para o palácio real vou dirigir os meus passos.

710 Não és tu, Édipo, a causa de tão grandes perigos,  
nem é o teu destino que ataca  
os Labdácidas<sup>(156)</sup>, mas dos deuses  
inveteradas iras os perseguem: o bosque castálio<sup>(157)</sup>  
deu sombra ao forasteiro sidónio<sup>(158)</sup>  
e Dirce<sup>(159)</sup> banhou os colonos tírios,  
715 quando, primeiro, o filho do grande Agenor,  
cansado de pelo orbe seguir o rasto do roubo de Júpiter<sup>(160)</sup>,  
sob as nossas árvores estacou pávido,  
venerando aquele que o tinha roubado,  
e, por advertência de Febo  
ordenado a acompanhar uma vaca vagante  
720 que ainda se não curvara  
sob o arado ou sob o curvo jugo de um vagaroso carro,  
pôs fim às suas errâncias e ao seu povo deu o nome  
da ominosa vaca.<sup>(161)</sup>  
Desde aquele tempo novos monstros

<sup>(156)</sup> Descendentes de Lábdaco, rei de Tebas, neto de Cadmo e pai de Laio.

<sup>(157)</sup> Isto é, Delfos (cf. vv. 276–278), onde Cadmo consultou o oráculo de Apolo.

<sup>(158)</sup> Referência a Cadmo, natural da Fenícia. Sídon e Tiro eram as principais cidades da Fenícia; como tal, «sidónio» e «tírio» são, não raras vezes, usados com o sentido de «fenício».

<sup>(159)</sup> Fonte nos arredores de Tebas.

<sup>(160)</sup> Júpiter, metamorfoseado em touro, raptou Europa, irmã de Cadmo, e levou-o para Creta, onde ela acabaria por dar à luz Mínos; a Cadmo e aos demais irmãos foi imposto pelo pai, Agenor, que encontrassem a irmã, sob pena de exílio.

<sup>(161)</sup> Beócia, do grego *bous*, «boi», «vaca». Após procurar infrutiferamente a sua irmã Europa, que havia sido raptada por Júpiter, Cadmo consulta o oráculo de Delfos, que lhe ordena que funde uma cidade. A fim de escolher o local ideal, deveria seguir uma vaca até que esta caísse por terra, esgotada de cansaço. Ao atravessar a Fócida, Cadmo viu uma vaca com o sinal da Lua em cada flanco (um disco branco que fazia lembrar a Lua cheia). Seguiu, pois, essa vaca, que o levou através do território que, por causa dela, se viria a chamar, precisamente, Beócia. Por fim, extenuada, a vaca deitou-se, no local da futura cidade de Tebas.

sempre tem produzido a terra: 725  
ou uma serpente<sup>(162)</sup>, deixando o fundo dos vales,  
e que em torno dos carvalhos seculares sibila  
e sobe aos pinheiros,  
sobre as árvores caónias<sup>(163)</sup> mais alta  
levantou a cerúlea cabeça,  
ainda que estivesse deitada no chão a maior parte do seu corpo; 730  
ou a terra, grávida de um parto contranatural,  
pariu um exército:  
soou do corno recurvo o sinal de ordenança  
e o clarim de adunco cobre notas estrídulas  
soltou  
★ ★ ★ ★ ★ ★  
as suas línguas, antes pouco ágeis, e as suas bocas, 735  
com gritos de guerra das suas vozes desconhecidas,  
estreadam.  
Exércitos de parentes ocupam os campos,  
prole digna da semente lançada,  
que num único dia mediu a sua vida inteira: 740  
depois do curso de Lúçifer nascida<sup>(164)</sup>,  
antes da aparição de Héspero feneceu.  
Horroriza-se o estrangeiro com tantos monstros,  
e deste povo recém-nascido teme os combates,  
até que tombou a juventude na sua crueldade 745  
e a mãe<sup>(165)</sup> ao seu seio  
os filhos há pouco paridos viu regressar<sup>(166)</sup> —

<sup>(162)</sup> Serpente/dragão consagrado a Ares/Marte e que Cadmo matou. Cf. vv. 743–747.

<sup>(163)</sup> Carvalhos. A Caónia era uma região do Epiro, no noroeste da Grécia, famosa pelo oráculo de Júpiter e pelo carvalho sagrado de Dodona.

<sup>(164)</sup> A estrela da manhã, mencionada, quase sempre, como aqui, juntamente Héspero, a estrela da noite. A partir do século v a. C., os Antigos sabiam que elas eram idênticas e que deviam ser identificadas com o planeta Vénus.

<sup>(165)</sup> A Terra.

<sup>(166)</sup> Atena/Minerva apareceu a Cadmo, depois de este matar o dragão que guardava a fonte de Ares/Marte, e aconselhou-o a semear os dentes do animal. De imediato, brotaram da terra homens armados, chamados Espartos (*Spartoi*).

assim tenham desaparecido as guerras civis!  
Que a Tebas de Hércules<sup>(167)</sup> tenha conhecido apenas  
750 aquela batalha entre irmãos.

Que mais? O destino do neto de Cadmo<sup>(168)</sup>,  
quando os cornos de um longo cervo  
lhe encobriram a fronte com insólitos ramos  
e os cães foram no encaço do próprio dono?

755 Descontrolado, pelos bosques e montes fuge  
o veloz Actéon e, com o pé mais ágil,  
vagueando pelas matas e sobre os rochedos,  
receia as plumas movidas pelos Zéfiro<sup>(169)</sup>  
e evita as armadilhas que ele mesmo montou —

760 até que nas águas de uma plácida fonte  
viu os seus cornos e a sua face de fera,  
aí onde os seus virginais membros banhara  
a deusa de pudor excessivamente cruel.

---

Cadmo teve, nesse momento, a ideia de atirar pedras para o meio deles, ameaçadores. Os Espartos, ignorando quem os atingia, acusaram-se reciprocamente e massacraram-se uns aos outros, tendo apenas cinco sobrevivido. O acto de os filhos voltarem ao seio da mãe, que os gerou, espelha a realidade de Édipo.

<sup>(167)</sup> Alusão à Tebas da geração que há-de suceder à guerra civil entre os filhos de Édipo. Hércules, herói grego (Héracles), filho de Júpiter e Alcmena, e famoso pelos seus doze trabalhos, desposa Mégara, filha de Creonte, este que sucede a Etéocles, mas é depois morto por Lico, que usurpa o poder. É esta a versão veiculada pelo *Hércules Enlouquecido*.

<sup>(168)</sup> Referência a Actéon, filho de Autónoe, uma das filhas de Cadmo. Por ter surpreendido Diana no banho, Actéon foi transformado em veado e perseguido pelos cinquenta cães que compunham a sua própria matilha e que, enfurecidos e sem reconhecerem o dono, o dilaceraram.

<sup>(169)</sup> Os caçadores tinham o costume de prender penas de várias cores, especialmente vermelho, nos arbustos e nas trilhas de veados, a fim de, assustando-os, os conduzirem na direcção pretendida. Essa técnica era conhecida por *formido* ou *metus*.

## ACTO QUARTO

ÉDIPO

(*Aparte*)

O meu espírito revolve cuidados e repete os medos.  
Que Laio morreu por causa de um crime meu  
afirmam os súperos e os infernais, mas, pelo contrário, o meu  
765 [espírito inocente,  
e por si mesmo mais bem conhecido do que pelos deuses, nega-o.  
Volta à minha memória por um leve rasto  
que tombou atingido pelo meu bordão  
e foi oferecido a Dite um velho soberbo com quem me cruzei,  
770 depois de ele ter investido com o seu carro contra mim, na altura  
[apenas um jovem,  
longe de Tebas, onde a região da Fócida se fende em três vias.

(*A Jocasta*)

Mulher, companheira da minha alma, elucida as minhas dúvidas,  
[peço-te:  
que fase da vida atravessava Laio por ocasião da sua morte?  
Acaso forte, no estio da existência, ou no crepúsculo da vida  
775 [pereceu?

JOCASTA

Entre a velhice e a juventude, mas mais próximo da velhice.

ÉDIPO

Porventura um grande séquito rodeava o rei?

JOCASTA

A muitos iludiu a incerteza do ancípite caminho,  
a poucos um zelo fiel manteve junto ao carro.

ÉDIPO

780 Acaso algum companheiro tombou com o mesmo destino do rei?

JOCASTA

Apenas de um a fidelidade e a coragem fizeram consorte.

ÉDIPO

Tenho o culpado: corresponde o número, o local —  
mas acrescenta a ocasião.

JOCASTA

Já a décima colheita se conta.

VELHO CORÍNTIO

*(Chegando junto de Édipo e Jocasta)*

O povo coríntio chama-te ao reino pátrio:  
785 Pólibo alcançou a eterna quietude.

ÉDIPO

Como, de todos os lados, contra mim a cruel Fortuna se precipita!  
Revela, vá, de que forma o meu pai foi ao encontro do seu destino.

VELHO CORÍNTIO

O seu espírito envelhecido libertou num doce sono.

ÉDIPO

O meu pai jaz morto sem derramamento de sangue:  
testemunho-o, já me é permitido ao céu piamente erguer  
as mãos puras e que não temem outro crime. 790  
Mas a parte mais temível do meu destino mantém-se.

VELHO CORÍNTIO

O trono do teu pai há-de desfazer todo o medo.

ÉDIPO

Eu havia de reclamar o trono do meu pai; mas tenho horror à  
[minha mãe.]

VELHO CORÍNTIO

Temes a mãe que, pelo teu regresso ansiando,  
ávida se alvoroça? 795

ÉDIPO

É o meu próprio amor por ela que me faz fugir.

VELHO CORÍNTIO

Uma viúva hás-de abandonar?

ÉDIPO

Acabas de tocar no cerne do meu próprio medo.

VELHO CORÍNTIO

Diz qual o temor escondido que pesa sobre o teu espírito;  
aos reis costume oferecer uma leal discrição.

ÉDIPO

Advertido por Delfos, um casamento com a minha própria mãe  
[temo.

VELHO CORÍNTIO

Deixa de temer em vão e esses torpes medos depõe.  
Não é Mérope a tua verdadeira mãe.

ÉDIPO

Que proveito pretende ela com um filho adoptivo?

VELHO CORÍNTIO

Os filhos ligam a soberba lealdade dos reis.

ÉDIPO

805 Diz de que modo te inteiraste desses segredos do tálamo.

VELHO CORÍNTIO

Estas mãos confiaram-te ainda recém-nascido à tua mãe.

ÉDIPO

Tu à minha mãe me confiaste; mas quem me confiou a ti?

VELHO CORÍNTIO

Um pastor, sob o nevoso cume do Citéron.

ÉDIPO

Que acaso te levou àqueles bosques?

VELHO CORÍNTIO

Naquele monte seguia cornígeros rebanhos.

ÉDIPO

Agora acrescenta os inconfundíveis sinais do meu corpo.

VELHO CORÍNTIO

Trazias atravessadas por um ferro as solas dos pés,  
do inchaço e da deformação dos pés te veio o nome.<sup>(170)</sup>

ÉDIPO

Quem foi aquele que te deu de presente  
o meu corpo, quero saber.

VELHO CORÍNTIO

Ele apascentava os rebanhos reais;  
sob ele estava uma mais humilde turba de pastores.

ÉDIPO

Diz o nome.

<sup>(170)</sup> Em grego, *Oidipous*, «pé inchado». Quer em Séneca, quer em Sófocles, não é claro quem dá o nome a Édipo.

VELHO CORÍNTIO

Enlanguescem-se as primeiras memórias dos velhos,  
afundando-se lassas na longa velhice.

ÉDIPO

Porventura poderias reconhecer esse homem pela sua fisionomia  
[e compleição?

VELHO CORÍNTIO

820 Talvez reconhecesse: muitas vezes um pequeno sinal  
reconvoca a memória deteriorada e sepultada no tempo.

ÉDIPO

Para junto dos altares sagrados foi conduzido todo o gado  
e seguem-no os seus pastores: ide, depressa chamai,  
servos, o responsável maior por todos os rebanhos.

JOCASTA

825 Seja a razão, seja a Fortuna a ocultar essas coisas,  
deixa para sempre escondido o que por tanto tempo se escondeu:  
amiúde a verdade pôs à disposição do mal quem a desenterra.

ÉDIPO

Algum mal maior do que este pode ser temido?

JOCASTA

Fica a saber que é desmedido o que com desmedido esforço se  
[procura:  
830 concorre de um lado a salvação pública e, de outro, a do rei,  
ambas iguais; mantém limpas as tuas mãos:  
mesmo que nada suscites, o próprio destino se desenrola por si.

ÉDIPO

Não convém perturbar um estado feliz:  
mas move-se em segurança tudo o que já está num ponto extremo.

JOCASTA

Aspiras a algo mais nobre do que a tua origem real?  
Cuida que não te contrarie o pai encontrado.

835

ÉDIPO

Mesmo que me venha a desagradar, hei-de procurar a verdade do  
[meu sangue:  
assim é certo sabê-lo.

*(Chega Forbas)*

Eis o grandevo ancião  
sob o qual estava a responsabilidade pelos rebanhos do rei,  
Forbas. Porventura recordas o nome ou o vulto do ancião?

840

VELHO CORÍNTIO

Sorri ao meu espírito a sua aparência; nem suficientemente conhecido,  
nem completamente desconhecido me é o seu vulto.

ÉDIPO

Quando Laio ocupava o trono, pastoreaste, servo,  
os seus bem nutridos rebanhos nas encostas do Citéron?

FORBAS

O fértil Citéron provê aos nossos rebanhos  
campos estivos com pastagem sempre nova.

845

VELHO CORÍNTIO

Acaso reconheces-me?

FORBAS

Duvida, incerta, a minha memória.

ÉDIPO

A este homem foi por ti entregue outrora certo menino?

Fala. Hesitas? Porque mudam de cor as tuas faces?

850 Porque procuras palavras? A verdade odeia demoras.

FORBAS

Revolves coisas encobertas por longa medida de tempo.

ÉDIPO

Fala, para que não te force à verdade a dor.

FORBAS

A ele dei um presente inútil, uma criança:  
nem da luz, nem do céu, pôde ela fruir.

VELHO CORÍNTIO

855 Longe vá esse presságio; ela vive e que viva rogo.

ÉDIPO

Porque dizes que a criança por ti entregue não resistiu?

FORBAS

Um ferro delgado, atravessando-lhe ambos os pés,  
unia-lhe as pernas, o inchaço nascido da ferida  
abrasava o corpo pueril com uma infecção repugnante.

ÉDIPO

(*A si mesmo*)

Porque inquires mais além? O destino já está próximo.

860

(*A Forbas*)

Quem era essa criança, elucida-me.

FORBAS

Proíbe-o a minha fidelidade.<sup>(171)</sup>

ÉDIPO

(*Aos guardas*)

Para aqui, alguém, fogo! Já as chamas hão-de expulsar a tua fidelidade.

FORBAS

Por tão cruentas vias se inquire a verdade?  
Perdoa-me, imploro-te.

ÉDIPO

Se feroz te pareço  
e prepotente, preparada tens na mão a vingança:  
diz a verdade: quem é ele? Gerado por que pai?  
Dado à luz por que mãe?

865

<sup>(171)</sup> Alusão à *fides* para com Jocasta (é muito menos plausível que fosse para com o morto Laio), a quem aparentemente prometera nunca revelar a identidade da criança.



FORBAS

Pela tua mulher foi dado à luz.

ÉDIPO

870 Abre-te, terra, e tu, rei das trevas<sup>(172)</sup>,  
para o fundo do Tártaro, senhor das sombras, arrasta  
estas inversas alternâncias da geração e da estirpe.

(Ao Coro)

875 Amontoai, cidadãos, pedras contra a minha execrável cabeça,  
matai-me com dardos: ataque-me com o ferro o pai,  
o filho, contra mim os maridos armem as mãos,  
também os irmãos, e, na sua doença, o povo lance fochos tirados  
das piras fúnebres. Crime deste tempo, vagueio,  
abominação dos deuses, ruína da lei sagrada,  
desde o dia em que pela primeira vez sorvi o ar desconhecido  
já da morte digno.

(A si mesmo)

880 Devolve agora uma coragem semelhante,  
ousa agora algo digno dos teus crimes. —  
Vai, avança, com passo rápido dirige-te ao palácio:  
congratula a tua mãe pela casa acrescida de filhos.

CORO

885 Se o destino me fosse permitido modelar  
segundo o meu desejo,  
limitaria a um leve Zéfiro as minhas velas,  
para que, pressionadas por vento forte,  
as antenas não trepidassem:

<sup>(172)</sup> Dite ou Plutão, deus dos Infernos.

que uma brisa suave, soprando moderadamente,  
conduza o meu intrépido barco  
sem lhe inclinar o flanco;  
seguro me carregue a vida, 890  
percorrendo um caminho mediano.  
Ao gnóssio rei<sup>(173)</sup> temendo,  
os astros, então, ele procura em desvario,  
confiado no seu novo artifício,  
e esforça-se por superar as genuínas aves, 895  
mas das suas penas falsas  
exige demasiado o jovem  
e roubou o nome ao mar.<sup>(174)</sup>  
Sagaz, o velho Dédalo,  
equilibrando-se num caminho mediano, 900  
deteve-se a meia altura sob as nuvens,  
esperando o filho alado  
(tal como às ameaças do falcão  
foge e reúne as crias  
dispersas pelo medo a ave), 905  
até que no mar profundo  
o jovem agita as mãos enleadas  
[companheiro no audacioso trajecto].  
Tudo o que excede a justa medida  
pende de uma posição instável. 910  
Mas que é isto? Ressoam as portas  
e, lastimando-se, um servo do rei  
bate na cabeça com a mão. —  
Diz o que trazes de novo.

<sup>(173)</sup> Minos, rei de Creta, que recusou a Dédalo, que construía o Labirinto do Minotauro, e ao seu filho, Ícaro, que deixassem a ilha.

<sup>(174)</sup> Alusão a Ícaro, exemplo negativo, em contraste com o exemplo positivo do seu pai, Dédalo, da importância do meio-termo. Preso em Creta, Dédalo construiu asas feitas de penas, coladas com cera, para ele e para o filho. Porém, durante a fuga, Ícaro, desobedecendo às instruções do pai, voou muito próximo do Sol e as suas asas derreteram, o que fez com que se precipitasse numa parte do Mar Egeu, que recebeu, por isso, o nome de Mar Icário (cf. e.g. Ovídio, *Metamorfoses* 8.183–235).

## ACTO QUINTO

(Saindo do palácio)

MENSAGEIRO

Depois que o destino predito e o infando nascimento compreendeu, 915  
e que do crime era culpado,  
Édipo condenou-se a si mesmo; dirigindo-se, hostil, ao palácio,  
nos odiosos recessos penetrou com passo célere,  
qual leão líbio que pelos campos se enfurece,  
com uma frente ameaçadora sacudindo a fulva juba; 920  
o vulto torvo de loucura, e selvagens os olhos,  
gemidos e alto murmúrio,  
e um gélido suor que lhe escorre pelos membros; espuma e exala  
[ameaças,  
e, profundamente mergulhada, extravasa-se a sua grande dor.  
Não sei dizer o que, feroz, contra si mesmo maquina de ingente 925  
e de semelhante ao seu destino. «Porque adio o meu castigo?»,  
diz, «Este peito criminoso, alguém o golpeie com o ferro  
ou com fogo ardente ou com pedras o destrua.  
Que tigresa ou que ave cruel sobre as minhas vísceras se há-de lançar?  
Tu mesmo, em crimes prolífico<sup>(175)</sup>, 930

<sup>(175)</sup> Isto é, os crimes de Actéon (cf. vv. 751–763) e Agave (cf. vv. 436–444), ambos associados ao Citéron.

maldito Citéron, ou feras contra mim  
envia das tuas florestas, ou manda cães raivosos —  
agora traz de volta Agave. Espírito, porque temes a morte?  
Só a morte pode arrancar à Fortuna o inocente.»  
935 Isto dito, ajusta a ímpia mão ao punho da arma  
e puxa da espada. «É assim? Com breve castigo  
tão grandes crimes solves e com um único golpe tudo hás-de reparar?  
Morres: para o teu pai é o suficiente;  
mas o que à tua mãe, aos teus filhos,  
com opróbrio trazidos à luz, o que àquela mesma que com grande  
940 [ruína  
expia o teu crime, à tua flébil pátria, hás-de dar?  
Isso não podes tu pagar: que aquela Natureza que apenas no caso de  
[Édipo  
inverteu as leis estabelecidas, urdindo novos partos,  
da mesma forma quanto aos meus suplícios  
945 possa inovar. Que te seja permitido viver de novo e morrer de novo,  
renascer sempre, para que, a cada vez,  
diferentes suplícios sofras — serve-te do teu engenho, mísero:  
o que mais do que uma vez não pode acontecer aconteça sem pressa;  
escolha-se uma morte lenta. Procure-se uma via pela qual,  
950 não misturado com os mortos, e, todavia,  
separado dos vivos, vagueies: morre, mas fica aquém do teu pai.  
Hesitas, espírito? Eis que de súbito sobre o meu rosto pesa  
um pranto profuso, que banha de lágrimas as faces —  
e chorar é suficiente? Apenas este fio escasso hão-de verter  
955 os meus olhos? Das órbitas arrancados  
as lágrimas sigam: estes olhos maritais sejam imediatamente vazados.»  
Falou, e com ira enfureceu-se:  
ardem as ameaçadoras faces com fogo terrível  
e os olhos a custo se mantêm nas órbitas;  
960 violento, audacioso vulto, irado, feroz,  
do que já se prepara para escavar; gemeu e, bramindo assustador,  
as mãos contra o rosto virou. Mas os olhos selvagens  
interpuseram-se no caminho e, procurando as mãos que bem  
[conheciam,  
espontaneamente as seguem, vão ao encontro do golpe.

Com os dedos em forma de gancho Édipo esquadrinha, ávido, os  
[olhos, 965  
enquanto das raízes mais profundas  
arranca inteiramente os globos; agarra-se ao vazio a mão  
e, fixa no interior, com as unhas ele lacera profundamente  
os cavos recessos dos olhos e as órbitas inanes;  
exacerba-se em vão e mais do que o necessário se enfurece. 970  
Tão grande é o perigo da luz? Levanta a cabeça  
e, com as órbitas vazias percorrendo a vastidão do céu,  
a sua noite experimenta. Tudo o que se encontra ainda suspenso  
dos mal escavados olhos ele dilacera e, vitorioso,  
clama para todos os deuses: «Poupai agora a minha pátria, suplico: 975  
já fiz justiça, o castigo devido suportei;  
foi finalmente encontrada uma noite digna do meu tálamo.»  
Banha-lhe o rosto um repugnante fluxo e a cabeça lacerada  
profuso sangue das veias revolvidas expele.

## CORO

Pelo destino somos conduzidos: cedei ao destino; 980  
os nossos ansiosos cuidados não podem  
mudar a trama do fuso inalterável.  
Tudo o que sofremos, género mortal,  
tudo o que fazemos, vem do alto,  
e Láquesis<sup>(176)</sup> vela pelos decretos da sua roca, 985  
fiados por mãos implacáveis.  
Segue tudo pelo caminho traçado  
e o primeiro dia determinou também o último:  
nem mesmo a um deus é permitido modificar  
aquilo que corre junto das suas próprias causas. 990  
Segue para cada um o curso fixado,  
que nenhuma prece pode mudar:  
a muitos o próprio medo prejudica,

<sup>(176)</sup> Uma das três Parcas, ou Moiras, ou Meras (as outras duas eram Cloto e Átropo), responsáveis por fiar e cortar o fio das vidas humanas (cf. Hesíodo, *Teogonia* 904–906).

muitos foram ao encontro do seu destino enquanto receavam o destino.

995 Ressoaram as portas e ele próprio, sem nenhum guia, se esforça por avançar, órfão de luz.

(*Saindo do palácio*)

ÉDIPO

Bem, está feito: rendi as devidas honras fúnebres ao meu pai.

Agradam-me estas trevas. Que deus, em relação a mim por fim [aplacado,

1000 com uma nuvem negra cobre a minha cabeça?

Quem os meus crimes perdoa? Evadi-me à cúmplice luz do dia.

Nada, parricida, deves à tua destra:

a luz foge de ti. Esta fisionomia convém a Édipo.

CORO

Eis que, com passo rápido, irrompeu, feroz,

1005 Jocasta, privada da razão, qual a atónita e enlouquecida mãe cadmeia<sup>(177)</sup> quando arrancou a cabeça ao próprio filho

e se apercebeu do engano. Hesita em falar ao infeliz,

deseja-o e teme-o. Já aos males cedeu o pudor,

mas prendem-se ainda aos lábios as primeiras palavras.

JOCASTA

De que te hei-de chamar?

1010 Filho? Vacilas? Meu filho és: isso envergonha o meu filho; mesmo contrariado, fala, filho — porque desvias a cabeça e esse rosto vazio?

<sup>(177)</sup> Agave. Cf. vv. 436-444.

ÉDIPO

Quem me impede de fruir as trevas?

Quem me devolve os olhos? É a minha mãe, é a voz da minha mãe!

Trabalhei em vão.<sup>(178)</sup> Que nos voltemos a encontrar não nos é permitido, execráveis. Separe-nos a vastidão do mar,

1015

que uma terra longínqua nos mantenha afastados, e que outro

[mundo, suspenso deste,

para novas estrelas virado e para um Sol remoto,

um de nós carregue.

JOCASTA

Ao destino pertence essa culpa: ninguém se torna culpado por causa

[do destino.

ÉDIPO

Poupa agora as tuas palavras, mãe, e poupa os meus ouvidos:

1020

por estes vestígios do meu corpo mutilado, peço-te,

pelo ominoso penhor do meu sangue,

por tudo de lícito e ilícito nos nossos nomes.

JOCASTA

(*A si mesma*)

Porque, espírito, te manténs entorpecido? Porque, cúmplice dos

[crimes de Édipo,

recusas receber o castigo? Por ti confundida perece,

1025

incestuosa, toda a dignidade das leis humanas:

morre, e com o ferro expulsa a tua vida nefasta.

Nem se o próprio pai dos deuses, abalando o céu,

com mão feroz contra mim lançasse coruscantes dardos,

eu havia de compensar os meus crimes com um castigo proporcional,

1030

<sup>(178)</sup> Na medida em que Édipo não conseguiu manter-se isolado dos vivos (*uiuis... exemptus*, vv. 950-951), tal como era seu intento ao cegar-se.

mãe monstruosa. A morte está decidida: um caminho para a morte devo procurar.

(A Édipo)

Anda, empresta à tua mãe a mão,  
se és parricida: resta esta última parte do teu trabalho.

(A si mesma)

1035 Apanhe-se a espada; por causa deste ferro jaz o meu marido —  
porque lhe chamas um nome não verdadeiro?  
Meu sogro é ele.

(A todos)

Hei-de cravar a arma  
no meu peito ou enterrá-la fundo no pescoço descoberto?  
Não sabes escolher o golpe: aqui, destra,  
rasga este útero fecundo, que carregou o marido e os filhos.

(Trespasa-se no ventre com a espada)

CORO

1040 Jocasta jaz morta. Sobre a ferida morre a mão  
e, aos borbotões, o sangue lançou para fora o ferro.

ÉDIPO

1045 Ó fatíloquo, a ti, a ti, deus guardião da verdade,  
censuro-te: ao destino devia apenas o meu pai;  
duas vezes parricida e, mais do que o temia, culpado,  
a minha mãe matei: ela está morta por causa do meu crime.  
Ó Febo traiçoeiro, superei o meu detestável destino.

(A si mesmo)

Com pávido passo segue por falaciosas vias;  
espalhando marcas incertas com a planta dos pés,  
a tua noite cega com a trémula destra guia.  
Avança apressado, dando passos escorregadios,  
vai, foge, põe-te a caminho — pára, não tropeces na tua mãe.

1050

(A todos)

Todos vós, com o corpo cansado e quebrantados pela doença,  
que arrastais um peito moribundo, eis que fujo, vou-me embora:  
levantai a cabeça. Um estado mais ameno do céu  
segue atrás de mim: todo aquele que, deitado,  
retém ainda um ténue sopro de vida, aspire, aliviado, ar pleno de  
[vida.

1055

Ide, levai ajuda aos desesperados:  
os mortíferos vícios da terra comigo arrasto.  
Violento Destino e hórrido tremor da Doença  
e Magreza e negra Peste e rábida Dor,  
comigo vinde, comigo. Agrada servir-me destes guias.

1060